

Projeto realizado com recursos
da Lei Complementar nº 195/2022,
Lei Paulo Gustavo.

O Ministério da Cultura e
a Secretaria da Cultura do Estado
apresentam:





COMO ORGANIZAMOS NOSSA CONVERSA

1. O Programa Catavento – como nos movimentamos por Márcia Braga.....	04
2. Bem-vindos ao Vila Flores por Antonia Wallig.....	09
Alguns projetos que nos apresentam e (re)presentam.....	12
Economia Circular Sem Catador É Lixo! por Alnilam Orga.....	14
3. A enchente de maio de 2024: uma pausa e a retomada dos projetos a partir do Programa Catavento	20
Das águas que preencheram o Vila a um mar de gente que nos abraçou: tudo aqui é generosidade por Carô Ribeiro.....	21
O Pós Enchente – resistir no 4º Distrito de Porto Alegre por Jorge Piqué.....	24
Várzea Lab: Pensar e resistir de dentro pra fora – um futuro próximo por Antonia Wallig e João Felipe Wallig.....	28
4. Pensamentos em movimento	
Formação em Economia Colaborativa e Circular (Eixo 1)	32
Por que não há Economia Circular sem a perspectiva da cultura? por Luana Fuentefria e Simone Nogueira.....	34
Inovação em movimento: criatividade, conexões e contradições por Aline Bueno.....	39
Que soprem os bons ventos por Antonia Wallig.....	43
Pequenas Impressões por Márcia Braga.....	46
Fomento (Eixo 2)	48
Projeto Me Conta: a articulação das novas economias em prática no 4º Distrito por Luana Fuentefria.....	51
Difusão (Eixo 3)	53
Revolução Circulares: sabedoria regenerativa para reinventar a Economia por Karine Freire.....	55
O Coletivo que transforma: a experiência à frente do RS Criativo por Juliana Sueli Sehn.....	59
Entre ideias e pessoas: onde a mudança realmente acontece por Cleiton Chiarel.....	62
Sobre Alfabetização de Futuros, Hubs e Ecossistemas Criativos e Cidades(...) por Paula Visoná e César Kieling.....	64
Feira Vilarejo por Marina Gionco.....	72
Visitas Mediadas por Maiara Dallagnol.....	73
5. Outras perspectivas	
Economias da Reconexão: Criativa, Colaborativa e Circular por Simone Nogueira.....	77
Precisamos, Podemos e Vamos resolver a crise climática por Julia Caon.....	78
La Perspectiva Ecosistémica por Conexiones Creativas.....	80
Tecendo visões Leituras sugeridas por Instituto Pluriversas.....	85
Ficha Técnica	89



1. O Programa Catavento – como nos movimentamos

por Márcia Braga

O **Vila Flores** é um espaço em constante movimento que busca aproximar mãos e mentes, propondo alinhavos, tecendo – junto com as iniciativas parceiras, de dentro e de fora da micro-comunidade – projetos e processos que possam trazer a possibilidade do fortalecimento de uma rede. Ao mesmo tempo em que se valoriza e incentiva esse movimento, há também a consciência da necessidade, da importância (e da urgência) de acolher as pausas.

O Programa Catavento – criatividade, colaboração e circularidade foi realizado entre dezembro de 2024 e julho de 2025, depois de uma grande pausa: a enchente de maio de 2024. Viabilizado com recursos da Lei Complementar nº 195/2022 (Lei



Paulo Gustavo), através do Ministério da Cultura e Secretaria do Estado, o programa envolveu uma série de atividades em torno de três eixos: formação, fomento e difusão de práticas colaborativas e sustentáveis. Por meio desta publicação, queremos contar um pouco do que aconteceu neste período, celebrar os encontros, retomar alguns aspectos que permearam as falas e as reflexões compartilhadas e encaminhar, talvez, outros movimentos.

Neste sentido, a escrita que segue contempla quatro momentos: a) apresentação geral do Programa Catavento; b) apresentação do Vila Flores a partir de alguns projetos realizados em interlocução com textos de participantes

do Programa; c) textos escritos pelos nossos convidados e debatedores que motivaram os processos de formação e trocas dentro do Catavento – que, além de retomarem questões compartilhadas mantendo vivos os diálogos, trazem novas provocações para seguirmos refletindo sobre os temas propostos; d) algumas novas costuras a partir de textos de convidados externos ao Programa, que podem trazer outras contribuições apontando uma possível continuidade do programa em um futuro próximo.

Detalhando o programa – As voltas que demos

Como trouxemos anteriormente, no Programa Catavento – criatividade, colaboração e circularidade foram

trabalhados a partir de três eixos: formação, fomento e difusão, da seguinte forma:

No Eixo 1 foram desenvolvidas atividades de **Formação em Economia Colaborativa e Circular**, voltadas ao público empreendedor com trajetória no campo da criatividade, colaboração, gestão cultural e/ou artística. A atividade foi ofertada para 50 participantes, teve duração de 8h, e foi distribuída em três módulos. Sendo eles: Módulo 1 (3h de duração) – ministrado por Luana Fuentefria e Simone Nogueira, esteve voltado a capacitação de empreendedores locais para que pudessem implantar, desenvolver ou potencializar seus negócios a partir das diretrizes da economia circular; Módulo 2 (3h de duração) – ministrado por Antonia



Wallig e Aline Bueno, envolveu Gestão Colaborativa, Inovação Socioambiental e Articulação Comunitária, buscando motivar lideranças empreendedoras a trabalhar noções de inovação socioambiental e gestão colaborativa em seus ecossistemas criativos; Módulo 3 (3h de duração) – aconteceu por meio de uma Vivência Criativa proposta pela artista residente do Vila Flores, Márcia Braga, e buscou a partir de processos de modelagem em argila sensibilizar participantes da formação através de abordagens artísticas.

No Eixo 2, **Fomento**, foi realizada a 3ª edição do **Me Conta** chamada **Soluções Criativas**. Trata-se de uma premiação criada pela Associação Cultural Vila Flores, em parceria com o coletivo holandês WeTheCity, envolvendo a adaptação

de uma metodologia de financiamento coletivo instantâneo. Participaram da seleção do **Me Conta: Soluções Criativas** dezenove iniciativas, dentre as quais foram selecionadas pela comissão julgadora, cinco. Durante um mês, as iniciativas receberam orientação técnica da consultora Luana Fuentefria para preparação de apresentações de suas propostas e ideias de forma simples e objetiva e no formato de apresentação sucinta. As apresentações foram compartilhadas em um evento presencial aberto ao público, realizado no Vila Flores. O projeto vencedor foi escolhido pelas pessoas presentes no evento e por aquelas que participaram online votando nas iniciativas através do Instagram do Programa Catavento. Ao final, a iniciativa escolhida recebeu R\$3.000 de

prêmio, garantido pelo edital, e assumiu o compromisso de colocar sua ideia em prática no período de até dois meses.

No Eixo 3, **Difusão**, foi realizado um conjunto de ações sensibilizadoras voltadas ao público em geral, foram elas:

1) **Encontro da Economia Colaborativa e Circular**, um evento presencial gratuito, com duração de um dia, no qual empreendedores e criativos do 4º Distrito se reuniram em um espaço de troca de experiências envolvendo um debate sobre os desafios do desenvolvimento da economia criativa e colaborativa para a região em consonância com as premissas da sustentabilidade e da circularidade. Foram duas mesas de discussão e um

momento final de debate coletivo. A primeira mesa de Economia Criativa foi impulsionada pelos palestrantes Juliana Sehn, Cleiton Chiarel, Jorge Piqué e mediadora Paula Visoná. A segunda mesa tratou da Economia Circular e contou com a participação de Marina Giongo, Alnilan Orga, Ricardo Abussafy e mediação de Karine Freire e Jorge Piqué;

2) Feira Vilarejo, foi uma feira da economia colaborativa que teve a curadoria de Marina Giongo e reuniu 22 expositores locais, dentre eles 5 residentes do Vila Flores. Os empreendedores puderam expor e vender seus produtos em um ambiente descontraído. Para auxiliar na formação de público e contribuir com o espírito de celebração desta etapa do projeto,

participaram também iniciativas da gastronomia como Encanto Aguiar Culinária e A Casa Brasileira e a DJ JuQvdO. A feira recebeu um público de aproximadamente 500 pessoas;

3) Visitas Mediadas foram realizadas de forma gratuita para o público. Ao total, aconteceram seis visitas, que contemplaram estudantes e professores de escolas e universidades públicas, empreendedores criativos e sociais e demais entusiastas da criatividade e da educação patrimonial, como forças de transformação em comunidades.

Antonia Wallig, gestora cultural do Vila Flores, resume a experiência vivida a partir do Catavento:

“O Programa Catavento propôs um espaço de reflexão envolvendo a relação entre criatividade, colaboração e circularidade, como uma maneira de repensarmos e potencializarmos as nossas formas de fazer e impactar o mundo. A partir da economia criativa e circular, buscamos encontrar possibilidades de redirecionar nossas iniciativas pessoais, nossos negócios e até as políticas públicas. Dessa forma, conseguimos experimentar, na prática, ações de regeneração ambiental e de inovação social capazes de transformar comunidades, territórios, cidades e nações.

Mas, antes de seguirmos nossa conversa sobre o Programa Catavento, pode ser relevante contar um pouco sobre o que é o Vila Flores e o que essa comunidade criativa vem construindo nos últimos anos, caso quem nos lê ainda não conheça.





Bem-vindos ao Vila Flores!

por por Antonia Wallig –
Gestora do centro cultural Vila Flores

O Vila Flores é uma comunidade criativa e colaborativa que atua em rede e experimenta novas relações e práticas de trabalho e coletividade. Isso quer dizer que somos um espaço de convívio, onde acreditamos e apostamos nas relações como forma de desenvolvimento profissional e pessoal. Tem quem diga que existem muitos Vila Flores, depende do olhar de cada um. Aqui vamos mostrar um pouco desse projeto que, de fato, tem muitas frentes de atuação e, por isso, torna-se tão múltiplo e complexo, não só para quem vê de longe, mas também para quem participa e trabalha no dia a dia deste lugar cheio de vida.

Além de ser uma comunidade criativa,

o Vila Flores é também um centro cultural. No espaço são promovidas atividades artísticas, educativas e de inovação social, desenvolvidas através da Associação Cultural Vila Flores, uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, que faz a gestão dos projetos e programas que acontecem no local e também no território onde está inserido.

Esse ecossistema é formado por cerca de 40 iniciativas, somando mais de 100 artistas, empreendedoras e empreendedores, que têm seus espaços de trabalho no Vila e oferecem produtos e serviços criativos relacionados a diversas áreas do conhecimento. Juntas e juntas, trabalham na prática os

conceito de economia criativa, circular e colaborativa, buscando promover ações para um mundo mais coletivo, sensível e sustentável.

O *Vila Flores* está sediado em um complexo arquitetônico de valor histórico-cultural. A construção é datada de 1928 e seu projeto foi desenvolvido pelo engenheiro-arquiteto Joseph Lutzenberger, pai do importante ambientalista gaúcho José Lutzenberger. Os dois edifícios principais são destinados às iniciativas e, nos espaços coletivos de pátio e galpão são realizadas atividades abertas ao público, como seminários, festivais, oficinas, feiras, entre outras. Está localizado no bairro Floresta, que faz parte da região denominada 4º

Distrito, antigo polo industrial da cidade de Porto Alegre, instalado na várzea do rio Guaíba. Com o êxodo industrial e a constante ameaça de alagamentos, a região sofre por décadas com a degradação das edificações e a ausência de políticas públicas para a melhoria da infraestrutura urbana e o bem-estar social.

A *Associação Cultural Vila Flores* é Ponto de Cultura certificado e ativo na rede de Pontos de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul e do município de Porto Alegre. Desde a sua fundação em 2014, a associação realiza projetos voltados ao desenvolvimento social, econômico, cultural e territorial da cidade e, em especial, do bairro Floresta, através de parcerias com os próprios residentes

do *Vila Flores*, mas principalmente, com entidades do território, como por exemplo: o Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini, a Ksa Rosa - Centro de Educação Popular e Resistência Cultural dos Catadores, a Cooperativa 20 de Novembro e o Instituto Mulher em Construção. Esses projetos têm como foco questões que envolvem: a geração de renda e autonomia econômica para as pessoas mais vulnerabilizadas da região; a preservação e a valorização do patrimônio histórico-cultural local; a criação de relações com o território e suas comunidades, de forma a promover o acesso e a democratização a atividades culturais.



Alguns projetos que nos apresentam e (re)presentam

por Antonia Wallig – Gestora do centro cultural Vila Flores

Dentre os projetos realizados, destacamos alguns que ilustram as experiências que viemos realizando ao longo destes 11 anos de atuação.

O projeto **De Vila a Vila** é resultado de um processo de colaboração que envolve a Associação Cultural Vila Flores e comunidades em situação de vulnerabilidade socioeconômica localizadas no bairro Floresta, em Porto Alegre. Com início em 2016, o projeto nasceu de conversas e articulações com organizações parceiras para pensar a melhoria da qualidade de vida no território do 4º Distrito de Porto Alegre (formado pelos bairros Floresta, São Geraldo, Navegantes, Farrapos

e Humaitá) por meio de projetos culturais, artísticos e educativos de bases comunitária e colaborativa, com foco na formação de adultos, jovens e crianças para um futuro de autonomias social e econômica. O projeto contou com oficinas para jovens e adultos (especialmente mulheres) de baixa renda, com foco na inclusão produtiva. As formações estão voltadas para costura, hortas comunitárias, saboaria artesanal natural, cerâmica, técnicas de construção civil, desenvolvimento de produtos a partir da reciclagem do plástico, graffiti e aulas de skate. Todas as atividades visam a capacitação dos participantes para que possam fazer delas possibilidades de inclusão produtiva

e de autonomia socioeconômica. Os resultados de algumas das oficinas são comercializados em feiras nos espaços coletivos compartilhados de pátio de galpão no Vila Flores, promovendo também a geração de renda para os participantes.



Para saber mais sobre esse projeto, acesse vilaflores.org/projetos/de-vila-a-vila



O projeto **Semente do Plástico** é uma iniciativa de inovação socioambiental criada em 2021 que coloca em prática uma tecnologia social desenvolvida junto ao Centro Marista Irmão Antônio Bortolini, localizado no Loteamento Santa Terezinha, também conhecido como Vila dos Papeleiros, por ser a reciclagem de resíduos uma das principais atividades econômicas da comunidade. A partir da metodologia de código aberto chamada Precious Plastic, jovens aprenderam a construir máquinas (injetora e trituradora) e transformam tampinhas de garrafa PET em produtos de arte e design. Durante o processo, adquirem conhecimentos de educação ambiental, empreendedorismo,

comunicação, vendas e processos criativos. A produção acontece em um contêiner-oficina na comunidade e as vendas ocorrem em feiras como a *ExpoFavela RS*, eventos e diretamente a clientes corporativos. Além de contribuir na redução do impacto ambiental negativo do descarte de plástico, a iniciativa capacita jovens para o mercado de trabalho e para a geração de renda. Em 2024, o projeto recebeu a certificação de Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil.

Para saber mais sobre esse projeto, acesse transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/semente-do-plastico-1

Economia Circular Sem Catador É Lixo!

por Alnilam Orga – Comunicador popular e assessor de comunicação do Centro SAMA/MNCR RS

Separar o “lixo” em casa virou sinônimo de consciência ambiental. A gente aprende a lavar as embalagens, distinguir o seco do orgânico, procurar o símbolo do triângulo da reciclagem nos plásticos. Mas tem uma pergunta que é difícil responder: **depois que o “lixo” separado sai da nossa casa, pra onde ele vai?**

Definitivamente, a resposta não está nas campanhas publicitárias de grandes marcas, nem nos manuais de sustentabilidade corporativa. Está nos galpões das associações e cooperativas de catadores, nos carrinhos que cruzam as ruas. Está nas mãos das catadoras e catadores de materiais recicláveis – aqueles que, mesmo sem uniforme

laranja, sustentam a limpeza urbana e a reciclagem nas cidades brasileiras.

Tecnicamente, o que chamamos de “lixo” são resíduos – e cerca de 85% do que descartamos poderia ser reutilizado, reaproveitado, compostado ou reciclado¹. Mas só se houver quem colete, conheça e separe os materiais, fazendo-os chegar à reciclagem química, física ou biológica. No Brasil, 2 de cada 3 quilos de materiais reciclados passam primeiro pelas mãos de um catador informal². Já em Porto Alegre, os catadores coletam quatro vezes mais que

¹Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos de Porto Alegre - Revisão 2023-2033

²Panorama dos Resíduos Sólidos 2024



Foto: Carrinho de Cultura
Alnilam Orga @alnilamorga

a coleta seletiva oficial.³

Apesar disso, esses trabalhadores seguem invisíveis. O serviço público subnotifica seus dados, por conveniência, ignorância e pressão política. Assim, fica mais fácil dizer que são só vagabundos. O setor privado ignora seu protagonismo, afinal, lucra com a exploração da mão de obra de trabalhadores informais em sua cadeia produtiva. E os próprios consumidores acreditam que o simples ato de separar garante a reciclagem. Não garante. Sem catador, o ciclo não se completa.

Qual o destino que o resíduo toma depois de sair da sua casa? Quase metade dos resíduos sólidos urbanos

do Brasil ainda vai parar em locais inadequados, como lixões ou aterros controlados. O que isso revela? Que não basta separar. É preciso fortalecer quem faz a reciclagem acontecer de verdade.

Associações e cooperativas de catadores são exemplos de organização popular que melhora as condições de trabalho, aumenta a renda e reduz a exposição a abusos e doenças. Mas nem todo catador está numa cooperativa, e nem acredita nessa forma de organização. Muitos ainda atuam sozinhos, na ausência de modelos de gestão nos quais possam confiar, trabalhando sem apoio, reconhecimento ou equipamentos mínimos de proteção.

Enquanto isso, as empresas lucram vendendo a ilusão da sustentabilidade. Praticam o **greenwashing**: vestem suas embalagens com promessas verdes, mas

seguem produzindo materiais de difícil reintrodução na cadeia da reciclagem, como aqueles feitos de plástico 7 ou multicamadas (BOPP). O catador vê de perto a maquiagem da indústria: aquilo que não tem valor de mercado vai direto para o aterro – ou fica amontoado no galpão, sem saída.

Valorizar os catadores é o primeiro passo. Eles precisam ser integrados às políticas públicas de pagamento por serviços ambientais, remunerados pelo impacto positivo que geram. Precisam ser ouvidos quando se discute embalagem, logística reversa, compostagem. Precisam ser vistos como especialistas – porque são.

Enquanto governos e empresas discutem metas e selos, milhares de famílias vivem da reciclagem, mas seguem comendo à beira de córregos poluídos e morando ao lado dos lixões. Aqueles que mitigam

³Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos de Porto Alegre (Revisão 2023-2033

os efeitos da emergência climática sofrem antecipadamente os piores efeitos dela no calor, no frio, na chuva. Isso tem nome: **racismo ambiental**.

No sul global e na realidade brasileira, falar de economia circular sem incluir o catador é fazer marketing verde, usurpando o conhecimento de quem pratica essa economia há séculos. Economia circular sem catador é lixo.

Trecho da música “Círculo na Catação”, de Marroq (@marroq051):

Um grande salve a todos mestres e mestras da catação e educação ambiental, que criaram gerações na economia circular que as cidades não conseguem nem sonhar em alcançar.

Um grande salve para Marli Medeiros, Antônio Carboneiro, pra Eva da Ilha Grande dos Marinheiros, Maria Elise da Vila Liberdade, Alex Cardoso e todas e todos aqueles que seguem



Foto: Tire São Paulo do Lixo - Júlia Nagle @ju copy

reciclando o que a cidade descarta, apesar da criminalização e falta de investimento, dessa luta interminável que é ter na reciclagem seu sustento.

Apoiar catadores de materiais recicláveis é combater o racismo ambiental. Separe seus resíduos, plante essa semente ou plante o final.



O projeto **Me Conta** foi inspirado no método chamado Boiling, desenvolvido pelo coletivo holandês We the City, que possibilita o financiamento coletivo instantâneo e facilitado de ideias de transformação social e urbana, ampliando o alcance de propostas que possam minimizar crises sociais, econômicas e sanitárias. Até o momento, realizamos três edições: o **Me Conta: Soluções Comunitárias**, em 2020, com foco em ações de regeneração urbana no 4º Distrito de Porto Alegre (bairros Floresta, São Geraldo, Navegantes, Farrapos e Humaitá), viabilizado com recursos do Consulado-Geral da Holanda no Brasil, através do edital de Novas Conexões Culturais; o **Me Conta: Sociobiodiversidade**, em 2021,

com o objetivo de incentivar propostas que tornassem a sociobiodiversidade presente no cotidiano das pessoas, a partir de suas diferentes manifestações, promovido com recursos do Projeto PANexus: Governança da sociobiodiversidade para a segurança hídrica, energética e alimentar na Mata Atlântica Sul, através da Chamada Nexus do CNPq e Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações; e o **Me Conta: Soluções Criativas**, que aconteceu em 2025 como parte do Programa Catavento e que iremos detalhar mais adiante nesta publicação. Ao todo, 10 propostas foram contempladas nessas três edições.

Para saber mais sobre esse projeto, acesse vilaflores.org/projetos/me-conta



O *Programa de Educação Patrimonial Canteiro Vivo* busca trabalhar os conceitos de conservação, zeladoria e restauro do patrimônio cultural enquanto construção coletiva e transformadora para a criação de elos comunitários, através da união das dimensões materiais e imateriais do patrimônio. O programa desenvolveu junto do *Instituto Mulher em Construção* e do *Estúdio Sarasá*, três oficinas gratuitas de conservação e zeladoria, formando 30 mulheres em situação de vulnerabilidade social, construindo uma rede de apoio e capacitação para a geração de renda para mulheres, através do ensino de técnicas construtivas tradicionais (argamassa e pintura de cal), sob um viés sensível,

aliando preservação e cidadania. Além das oficinas, o programa já realizou duas edições do FAZER – Fórum de Ação, Zeladoria, Educação e Resistência Patrimonial, uma exposição, diversas visitas mediadas ao centro cultural Vila Flores, três cadernos de educação patrimonial, uma websérie e rodas de memória em eventos. O programa conquistou, em 2022, a segunda colocação no 35º o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.

Para saber mais sobre esse projeto, acesse vilaflores.org/projetos/canteiro-vivo/



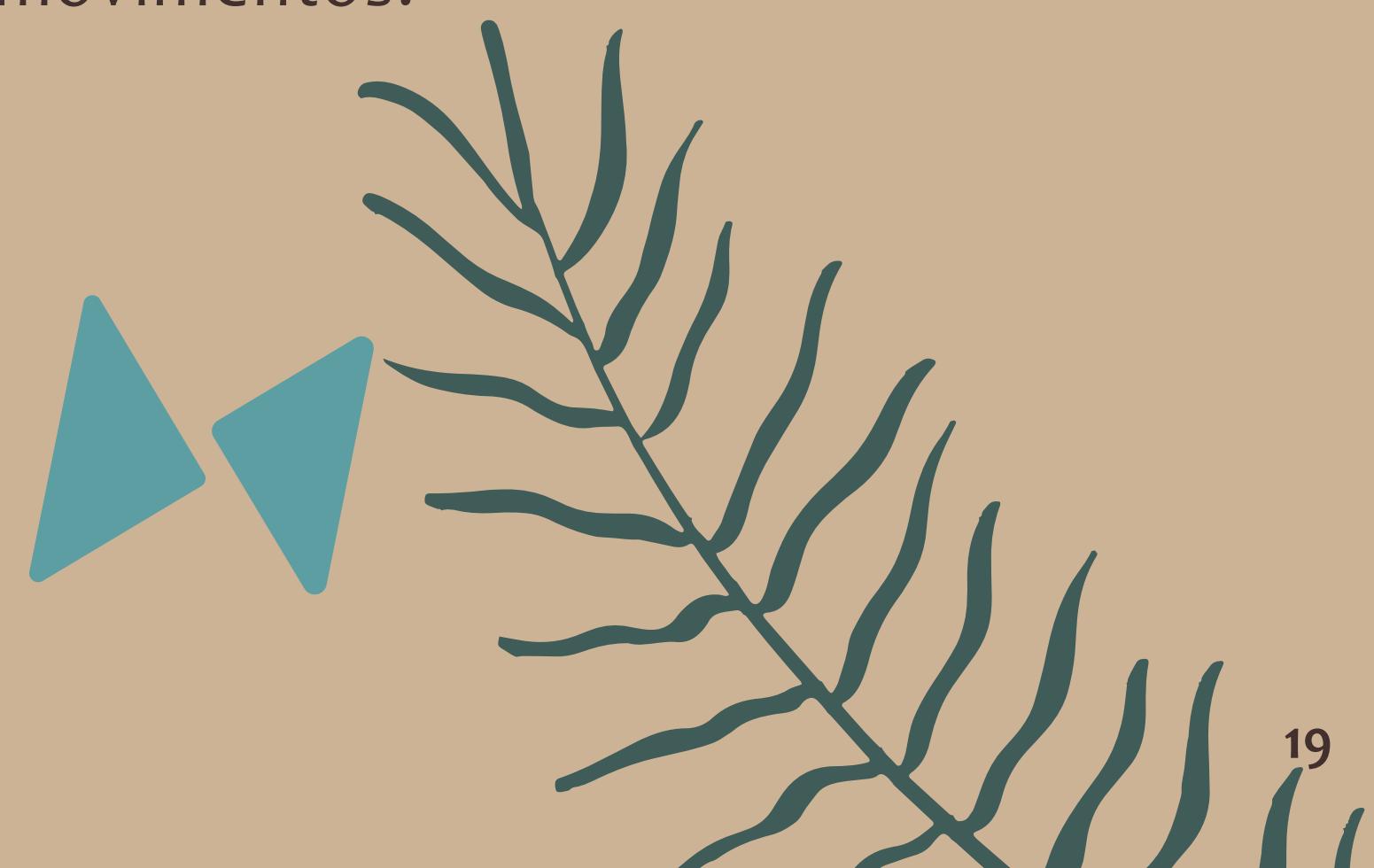
Os projetos desenvolvidos por nós, da Associação Cultural Vila Flores, em conjunto com tantos parceiros, são um reflexo das leituras que somos capazes de fazer sobre o território em que estamos inseridos física e culturalmente. Em um dia a dia cheio de diversidades e adversidades, nos afetamos pela realidade que nos cerca, que nos mostra caminhos e nos ensina sobre o verdadeiro sentido do conceito de resiliência.

Criatividade, circularidade e colaboração são práticas que nos colocam em movimento, que nos convidam a desacomodar hábitos, padrões e nos pedem cotidianamente para

revermos nossas ações, intenções e soluções. Organicamente buscamos nos reestruturar a cada nova situação que se apresenta, atentos aos aspectos sociais, ambientais, econômicos, culturais e políticos de uma realidade que está em constante transformação e que guarda uma complexidade imensa.

A partir das leituras que fazemos, tentamos compreender as realidades do território. Elas provêm da diversidade de olhares, da coletividade e de suas dinâmicas por vezes caóticas, mas sempre enriquecedoras, elas nos permitem (re)existir. Uma costura no tempo e no espaço, como uma colcha de retalhos, talvez. Ou como uma

peça de roupa nova, feita com design inovador, mas confeccionada com o resíduo têxtil da indústria da moda. Também pode ser como um tear, em que vários fios que se entrelaçam em diferentes cores, texturas e diâmetro, formando uma trama, a qual quem olha ao final vê um padrão, mas quem olha atentamente seus detalhes, enxerga um processo. São esses processos que nos constituem, nos motivam e nos desconstroem a cada novo projeto, que nasce desses entrelaçamentos, desses movimentos.





3. A enchente de maio de 2024: uma pausa e a retomada dos projetos a partir do Programa Catavento

Como comentado no início desta conversa, no Vila Flores, estamos em movimento, mas atentos à importância de fazer algumas pausas. No entanto, em 2024, a pausa não foi uma escolha. A água invadiu nossos espaços. A prenunciada tragédia ambiental.

O período de realização do Programa Catavento envolveu também o mês de maio, coincidindo com o período que, no ano anterior, foi marcado pela enchente que assolou nosso estado, nossa cidade, nosso bairro, nossos parceiros de dentro e de fora do Vila Flores. É impossível não lembrar das situações enfrentadas e dos sucessivos movimentos de solidariedade. Os próximos textos falam

deste momento. Carô Ribeiro (gestora institucional do Vila Flores) e Jorge Piqué (criador da UrbsNova Design Social e debatedor convidado do Programa) contam, respectivamente, como tudo foi vivenciado no Vila Flores e fora dele e como afetou as diversas iniciativas do Distrito C.



Das águas que preencheram o Vila a um mar de gente que nos abraçou: tudo aqui é generosidade.

por Carô Ribeiro – Gestora Institucional do Vila Flores

A exposição Reflorescer: tudo aqui é generosidade é sobre agradecer.

Primeiro, pelo quanto cada uma e cada um de nós, que faz parte dessa comunidade criativa, se mobilizou para ajudar a quem mais precisava. Enquanto o Vila alagava, o nosso grupo no WhatsApp se transformava em uma grande rede de solidariedade. Entendíamos que nada tínhamos a fazer além de ajudar. As vileiras e vileiros – como chamamos quem têm seus espaços de trabalho aqui e faz parte do nosso coletivo – conectaram e fizeram resgates, articularam caronas, reuniram doações, auxiliaram em abrigos, cuidaram dos vizinhos, levaram arte, marmitas e

esperança por toda parte. Estado de vigília, plantão, entrega.

Quando voltamos para encarar nossos espaços, exaustas e exaustos, choramos; mas não descansamos. E na hora em que mais precisamos, encontramos as mais diversas expressões de carinho e ajuda para continuarmos e devolvermos as tantas cores que a lama apagou.

Poderíamos dizer que perdemos a conta do quanto fomos ajudados. Mas não perdemos. E aqui estão reunidas as mais variadas manifestações de afeto e força que recebemos para nosso ímpeto de Reflorescer: tudo aqui é generosidade





Ao que passou, respondemos com a nossa continuidade. Escrevemos projetos, voltamos a receber nosso público, novas pessoas se movimentaram para nos conhecer. O Programa Catavento, voltado à economia circular e criativa, foi um dos nossos projetos contemplados no pós-enchente.

E entrelaçar, nesta publicação, esse projeto com as situações tão delicadas que vivenciamos, é também a tentativa de captar as nuances que atravessam a temática em si. Nas condições mais adversas, nós conseguimos criar e, como as hélices de um catavento, tudo que circulou nesse tempo, é o que temos na essência: a força do coletivo.

Ficha técnica

Exposição Reflorescer: tudo aqui é generosidade

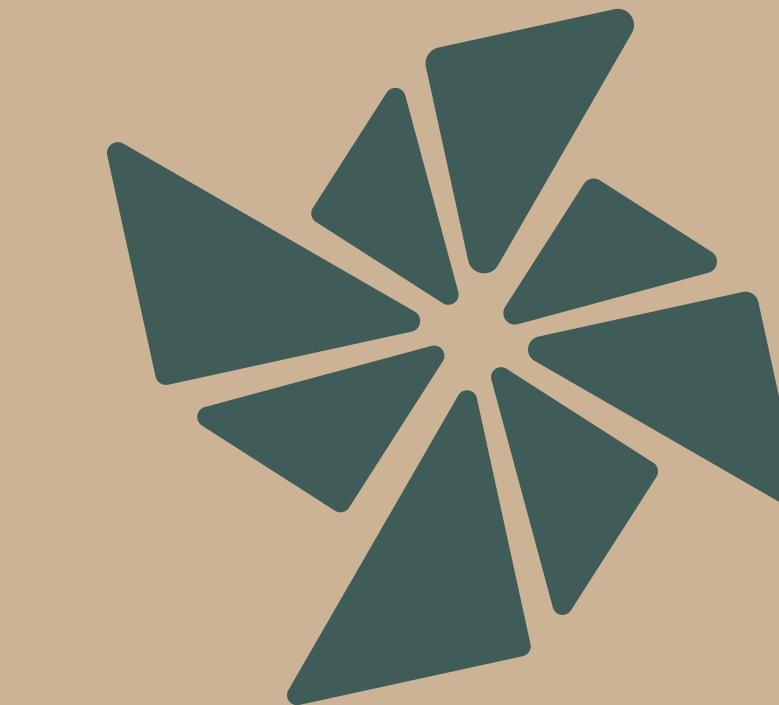
Idealização e organização:

Carô Ribeiro e Maiara Dallagnol

Arte: A Árvore do Vila (2024), por Betina Nilsson, Céphora Sabarense, Cláudia Steffens, Fernanda Soárez e Fernanda Canseco/
Ateliê Gravura na Tulipa

Nos lembaremos sempre e, fortes de presente, desejamos futuros sustentáveis e prósperos para este território esquecido.

Nas condições mais adversas, criamos.
Nas pás deste catavento, circulamos.
Na essência: a força do coletivo.
No presente: futuros sustentáveis e prósperos
para este
território
esquecido.



Economia da Generosidade

Joel Grigolo	Daniela Malfatti	Tania Silva de Almeida	Tatyane Serra
Luciane Bucksdricker	Virginia Anderle Cigolini	Ana Paula Rodrigues	Vicky Furtado
André Giacomin	Lucas Löff Leite	Sara Cristina Moraes	Marilene Bittencourt
Alejandro Arozena	Vanessa Piasa	Mauro Gilmar Silveira	Sandra Echeverria
Bruno Grillo de Bermúdez	Isabela Genz Meinhardt	Marlene Marques	Maria Eduarda Comassoli
Andrea Massena	Vinícius Monteiro	Luise Bresolin	Regina Belmonte
Elenice Zalton	Carolina Caneva	Omara Lange	Carmen Ferrão
Bernardo Pansera	Renata Capitao	Giuliana de Souza	Juliana Gonzalez
Álvaro Barreto	Rosangela Meister	Tania Regina Cappra	Ida Maria Carvalho
Adriana dos Santos	Felipe Wurch	Celso Chagas Ribeiro	Kelvin Koubik
Pâmela Ribas	Gabriel Pacheco Leao	Beatriz Deni	Márcia Bukowski
Pierre Tazzo	Si Danilevicz	Andrea Scorza	Flavia Suzana Reis
Lena Maciel	Eduardo Scherer	Heloisa Alves Muller	Xadalu Tupã Jekupé
Bárbara Amaral	Fernanda Brauner Soares	Natalia Affonso	Andrea Bracher
Carla Leonetti	João Felipe Wallig	Mariana Santos Braga	Elias Adamski
Carô Ribeiro	Francisco Arozena	Beatriz Gomes	Moema Borges Velasco
Andrea Sandoval	Bruno Lorenz	Eliana Cidade da Rocha	Alfredo Aquino
Ângelo Belletti	Rodrigo Baltazar	Camila Manique	Jaqueleine Biazus
Fabiana Sasi	Leandro Lages	Katia Ogawa	Ana Sondermann Espin
Dirnei Vieira Júnior	Alberto Motta Albert	Claudia Beatriz Nery	Arlete Santarosa
Ana Paula Dahlke	José Carlos Barbosa	Marco Antonio S. K.	Jonathan de Leon Peres
Patrícia Farah	Miguel Afonso Flach	Ricardo Barreto Pohl	Beatriz Ballen Susin
Eduardo Duarte	Aline Bueno	Amanda Lopes da Rosa	Ernani Chaves
Lisandra Oliveira	Giulia Alberti	Zuleide de Paula Paniz	Gus Bozzetti
Oscar Ritzel	Denise do Prado Bystronski	Denise Laitano	Lilian Maus
Mercedes Ramirez	Angélica Gross Villanova	Simona Ragucka	Maria Augusta
Betina Nilsson	Carlina Schumacher	Susana Cardoso	Liliane Hemb
Maiara Dallagnol	Ambar Farmacia	Edair Rosa Dallagnol	Habitart
Giovani Beneditto	Thays Denti Flores	Maria Celia Bonatti	Original Espaço Cultural
Darlan Werner	Vanessa Albuquerque	Maria Luiza de Souza	Canteiro - Campo de Produção
Cleber Stein	Guilhermina Braga Cabral	Virginia Furtado	em Arte Contemporânea
Luciana Firpo	Alessandra Pressa	Mylène D'huyer	ABRH-RS
João Wallig	Yoko Okajima	Paulo Amaral	T Sant
Mariana Barzinck	Matheus Freire	Angela Maria Zacher	Art Destination
Luana Barros	Flávio Merssenburger	Angela Mynarski	Canteiro - Campo de Produção
Daniela Tatsch Baptista	Pietra Strassburger Scheffel	Carolina Francisca M.	em Arte Contemporânea
	Amanda de Mello Barboza	Tatiana Bicalho	ABRH-RS
	Bruna Fraga	Abelhuda	T Sant
	Cora Firpo	Adrí Dí Macedo	Art Destination
	Diego Pereira	Maria Fernanda de Lima Santin	Canteiro - Campo de Produção
	Marcos Fioravante	Daniela Gobbato Neuls	em Arte Contemporânea
	Aline Ledur	Filemon Ricardo Alba	ABRH-RS
	Samantha Wallig	Fatima Marlene Leal	T Sant
	Vanessa Tereza Bello	Paredes com Propósito	Art Destination
	Marina Giongo	Pubblicato Editora	Canteiro - Campo de Produção
	Carol Solaro	Otto Desenhos Animados	em Arte Contemporânea
	Luis Estradioto	Recupera 4D	ABRH-RS
	Angela Farah	Portas para a Arte - Fundação	T Sant
	Rafael Bach	Bienal do Mercosul	Art Destination
		Democracy	Canteiro - Campo de Produção
		Associação Mães e Pais pela	em Arte Contemporânea
		Democracy	ABRH-RS
		Maloca Producoes (Muda	T Sant
		Cultural)	Art Destination
		Sicredi - Agência Farrapos	Canteiro - Campo de Produção
		Estudio Arquiteto	em Arte Contemporânea
		Grezz - Espaço Multicultural	ABRH-RS
		Festival Multiartes - Cia de	T Sant
		Produção	Art Destination
		Open Design Independente	Canteiro - Campo de Produção
		Luciana Rodrigues	em Arte Contemporânea
		Liana Maria Adami	ABRH-RS

O Pós Enchente – resistir no 4º Distrito de Porto Alegre

por Jorge Piqué – Criador da UrbsNova Design Social - Empresa gestora do Distrito Criativo de Porto Alegre

Estamos há pouco mais de um ano da Grande Enchente de 2024. Uma fase difícil para os cerca de cem participantes, artistas ou negócios, do Distrito Criativo de Porto Alegre.

Quando criamos essa colaboração coletiva, em 2013, sabíamos das dificuldades, mas também tínhamos certeza da grande qualidade e talento que encontramos nos bairros Floresta e São Geraldo, no 4º Distrito, incluindo também um pouco dos bairros Independência e Moinhos de Vento. No entanto, não tínhamos consciência do risco que todos corriam, devido à omissão das autoridades.

Em 2023, quando completamos uma década de atuação, ganhamos o Prêmio Brasil Criativo, uma espécie de Oscar da Economia Criativa, como o melhor território criativo do Brasil, deixando um grande projeto no Rio de Janeiro em segundo lugar. O que não é pouca coisa, se pensarmos o quanto o Rio Grande do Sul é pouco divulgado no centro do País.

Apenas um ano depois, em maio de 2024, fomos surpreendidos, com a lenta subida das águas, mesmo com dias bonitos de sol. Os primeiros participantes a serem atingidos foram os mais próximos ao Guaíba, como o Cortex, que fica na Rua Voluntários da Pátria. Toda a área até a Farrapos foi

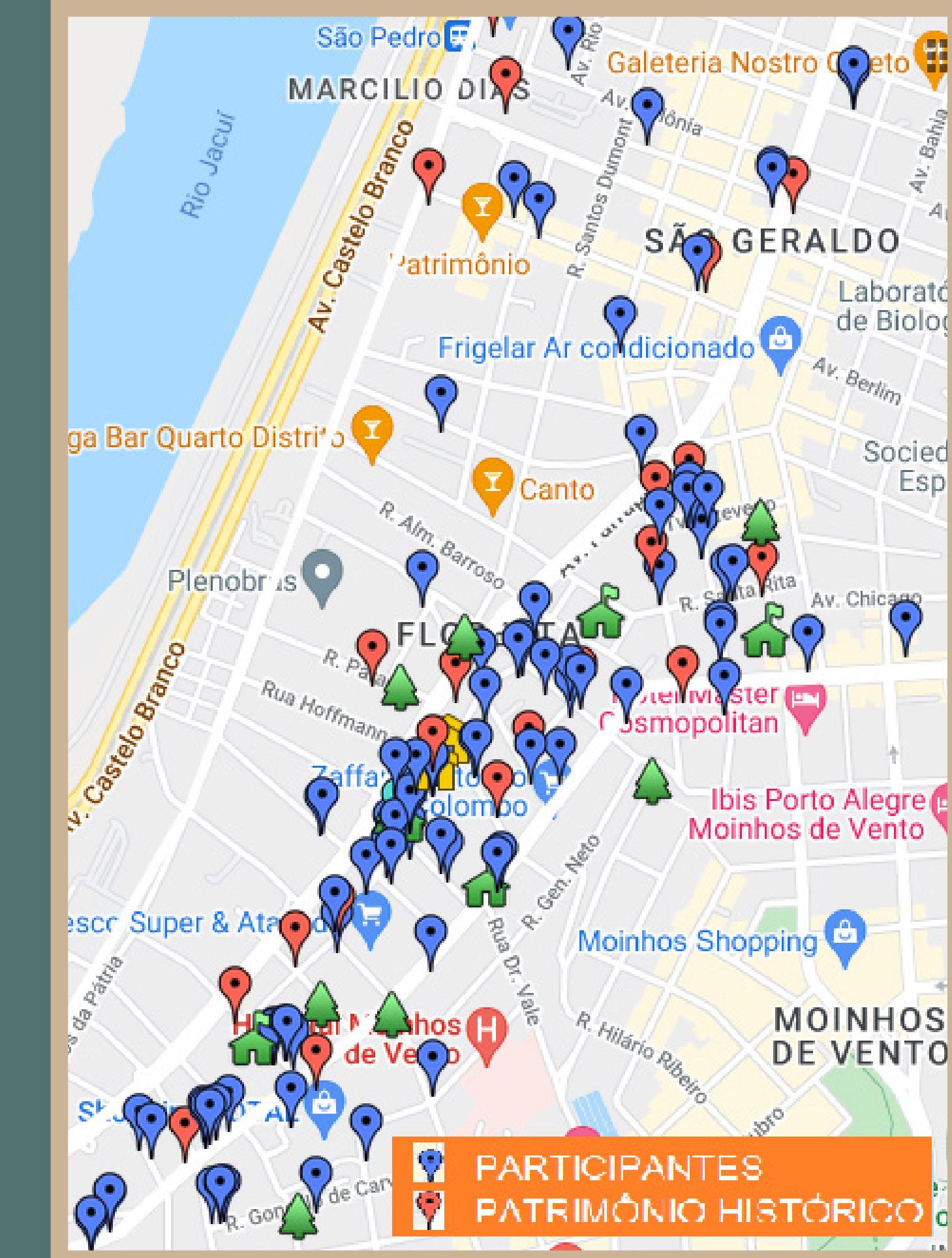


Figura 1: Google Maps do Distrito Criativo de Porto Alegre



Figura 2: Mancha da Enchente de 2024 no Distrito Criativo de Porto Alegre, com 80% dos locais afetados.

inundada, chegando, em alguns locais, a dois metros de altura. Nunca se imaginou que passasse da Av. Farrapos. No dia três de maio, havia um show de jazz, no Espaço 373, com um trio de Nova York. Depois do show, fui até a Farrapos e as águas estavam já ali.

Nos dias seguintes foi o caos, a cidade sem saída, e a água continuando a subir, alcançando a Rua São Carlos, onde temos vários participantes, entre eles o centro cultural Vila Flores, somente se detendo um pouco antes de alcançar a Av. Cristóvão Colombo.

Cerca de 80% dos participantes foram afetados, e mesmo os locais que não foram atingidos pelas águas, foram obrigados a fechar por falta de luz ou prejudicados por falta de clientes. Ao lado, no mapa, a mancha da inundação mostrando os locais alagados, em vermelho, e os pontos azuis os poucos locais que permaneceram secos.

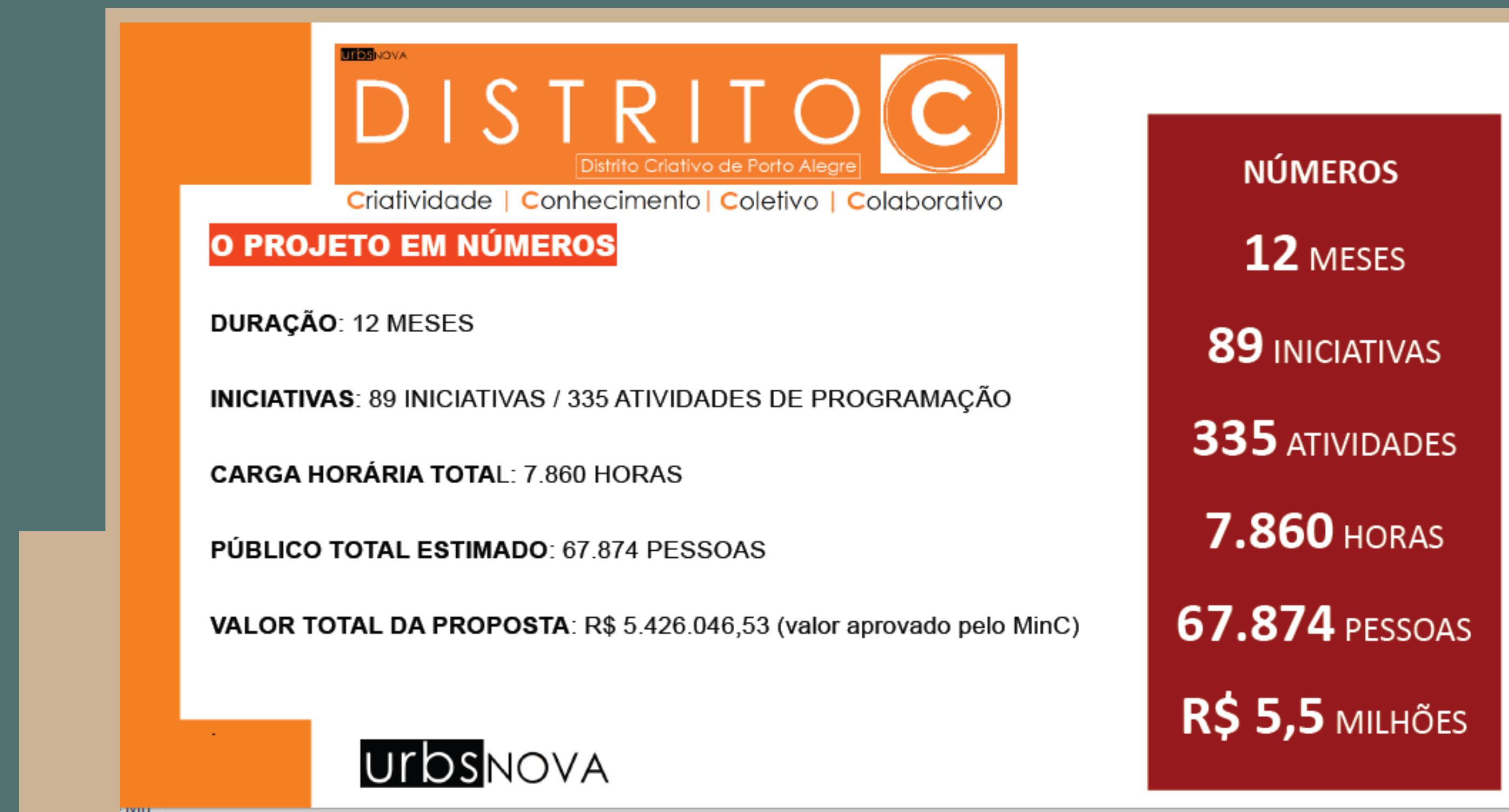
Nos meses seguintes, vimos uma demonstração de resiliência única dos participantes. Poderia se esperar que muitos simplesmente desistissem, abandonassem seus locais e escolhessem outros imóveis em regiões sem risco de enchentes. Mas durante três meses eles se dedicaram a limpar seus locais e, pouco a pouco, retomar as atividades. Nosso grupo no WhatsApp foi um ponto de encontro, troca de informações e apoio mútuo nesse período mais crítico. Mesmo antes das águas começarem a baixar

pedimos que respondessem a um questionário extenso para termos a melhor estimativa naquele momento, dos danos materiais e das perdas econômicas em razão do período em que as atividades estiveram paralisadas. Nossa estimativa, um mês depois da enchente, foi de um prejuízo de quinze milhões de reais. Neste momento, estamos fazendo um novo levantamento das perdas reais, um ano depois, e provavelmente o novo valor será superior à estimativa anterior.

Apesar das poucas ajudas existentes, a grande maioria conseguiu reabrir, foram mínimos os casos de fechamento e/ou mudança de localização. Alguns participantes, que não tinham como permanecer em seu local inundado, como o Gravador Pub, mudaram, mas continuaram no território do Distrito Criativo.

Houve, no entanto, uma coincidência promissora. Exatamente um mês após a enchente, em junho de 2024, o Ministério da Cultura lançou em todo o Brasil o Programa Territórios Criativos. Esse programa convocava projetos de territórios criativos para receber

incentivos através da Lei Rouanet. De junho a agosto, preparamos o projeto do Distrito Criativo de Porto Alegre, para ter duração de um ano e com mais de 300 atividades planejadas, no valor total de R\$ 5,5 milhões de reais. Estamos agora em processo de captação desses



recursos através da iniciativa privada e essa pode ser uma grande ajuda na recuperação da Economia Criativa no 4º Distrito.

A importância do patrocínio da iniciativa privada em um projeto como esse é essencial diante da situação em que nos encontramos, um ano depois do desastre. Embora se propague uma narrativa de que tudo já passou, a verdade é que os locais que lutaram para continuar abertos, em funcionamento, cada vez têm mais dificuldade em se manter e alguns deles fecharam após reabrirem. Isso se deve a deterioração geral na região do 4º Distrito, piora das condições de segurança e mesmo da simples limpeza das ruas. Recentemente um aumento das chuvas já trouxe mais alagamentos

e prejuízos para muitos negócios. A falta de providências eficazes está precarizando o território, esse mesmo território reconhecido como o melhor território criativo do Brasil, há apenas dois anos.

Essa qualidade e talento, concentrada nesses dois antigos bairros de Porto Alegre, continuam lá, mas a falta de apoio poderá ser fatal nos próximos anos e recomeçar poderá levar décadas. Isso foi o que fizeram com o 4º Distrito nos anos 70. Incentivaram a saída das fábricas e o tecido social vivo e vibrante que estava ali se desfez e desapareceu, devido ao abandono. Não podemos permitir que isso aconteça novamente, existem responsabilidades hoje, como existiram nos anos 70. O destino dessa região de Porto Alegre depende de

todos nós, os participantes do Distrito Criativo fizeram tudo o que estava ao seu alcance nestes últimos doze meses, mas precisamos de medidas mais efetivas, a nível governamental. Governos devem ter uma visão estratégica sobre essa região e apoiar as iniciativas locais que têm um trabalho consistente. É isso que todos esperamos, mas não pode tardar mais.

Várzea Lab: Pensar e resistir de dentro pra fora – um futuro próximo

por Antonia Wallig e João Felipe Wallig – Gestores do Vila Flores

Como resposta a esta catástrofe ambiental e a todo o processo de mudanças climáticas que estamos vivendo, desenvolvemos o projeto Várzea Lab. É preciso lembrar que várzea é uma área plana e baixa, próxima às margens de um rio, que é periodicamente inundada pelas cheias. Essas áreas são conhecidas pela sua fertilidade devido aos sedimentos trazidos pelas inundações. As várzeas são ecossistemas muito importantes, com grande biodiversidade e influência direta do regime hidrológico do rio e seus afluentes.

O Várzea Lab consiste em ocupar o térreo do centro cultural Vila Flores

com um conjunto de cinco laboratórios temáticos, espaços de uso comunitário, incluindo uma cozinha comunitária e um espaço para administração do projeto, tendo como meta principal encontrar soluções de adaptação e mitigação dos efeitos da crise climática para as comunidades de baixa renda do 4º Distrito de Porto Alegre, porém conectados aos movimentos globais pelo clima. O Várzea Lab atuará realizando estudos socioeconômicos-ambientais e práticas transdisciplinares para a regeneração social e urbana de grupos sociais vulnerabilizados diretamente afetados pelas catástrofes climáticas, aplicando o uso da tecnologia e do design com ações que promovam

o bem-estar dessas comunidades, possibilitando medidas para auxiliar na recuperação socioeconômica, podendo assim melhorar a qualidade de vida das pessoas nessas regiões, pautar políticas públicas e se tornar referência para outras cidades do território nacional em contextos semelhantes. Cada laboratório terá o nome de um dos rios da Bacia Hidrográfica do Guaíba, reverenciando essas águas a serem protegidas e referenciando a característica geográfica de várzea.

O Várzea Lab será composto pelos seguintes laboratórios:

Laboratório Jacuí – Produção de Alimentos



e Segurança Alimentar e Nutricional

Laboratório dos Sinos –

Empreendimentos Sociais e Negócios de Impacto Socioambiental

Laboratório Caí – Ecologia, Geografia, Hidrografia e Meteorologia

Laboratório Gravataí – Planejamento Urbano e Infraestrutura Urbana

Laboratório Taquari-Antas – Educação e Sociobiodiversidade

Cada laboratório contará com um coordenador e com organizações parceiras, especialistas nos temas abordados. Além disso, está previsto um ambiente de uso coletivo para os colaboradores e grupos atendidos pelo Várzea Lab, que contará com

uma cozinha comunitária e espaços para eventos, reuniões, plenárias e atividades formativas e de capacitação. Os laboratórios atuarão no formato de cooperações técnicas em parceria com a comunidade, universidades, iniciativas privadas, organizações da sociedade civil, em articulação com secretarias municipais e estaduais e com os serviços públicos de atendimento às comunidades do território como os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS).

Os laboratórios realizarão as suas atividades de forma integrada através de pesquisa de campo e coleta de dados com foco nas temáticas. Acontecerão

encontros mensais com a comunidade, universidade e gestão pública para a discussão e deliberação de soluções de melhorias socioambientais para o território e a implementação de políticas públicas; publicações informativas semestrais para a sociedade em geral, contendo temáticas transversais aos cinco laboratórios, oficinas para sensibilização, prototipagem de ideias e implementação das ações definidas pelo núcleo de laboratórios; e eventos culturais de integração dos cinco laboratórios a cada trimestre.





4. Pensamentos em movimento

Com o propósito de qualificar empreendedores e organizações e, principalmente, de incentivar a transformação de ideias em práticas, a partir das contribuições das/dos participantes, foi debatido o conceito de sustentabilidade em suas dimensões econômica, ambiental e social com o objetivo de estimular a aplicação desses princípios no desenvolvimento de negócios e de projetos.

Os textos e as imagens que compartilharemos na sequência celebram os encontros, comentam e expandem as reflexões realizadas em cada um dos momentos do Programa. Lembrando que todas as escritas compartilhadas são de responsabilidade de cada um de seus autores e autoras.





Formação em Economia Colaborativa e Circular (Eixo 1) Economia Circular

O Módulo 1: Economia Circular abordou estratégias para a redução de desperdício e o reaproveitamento de materiais nos processos produtivos. Os participantes foram incentivados a pensar sobre como suas iniciativas podem adotar diretrizes sustentáveis, promovendo a inovação e a responsabilidade ambiental. Conduzido pelas consultoras de sustentabilidade e regeneração Luana Fuentefria e Simone Nogueira que, em consonância com o pensamento da Aline Bueno, constroem suas reflexões a partir da pergunta: **Por que não há Economia Circular sem a perspectiva da cultura?**

Por que não há Economia Circular sem a perspectiva da cultura?

por Luana Fuentefria e Simone Nogueira – Consultoras de sustentabilidade e regeneração

No âmbito dos estudos da sustentabilidade, da regeneração e da circularidade, há diversos elementos que instigam a reflexão sobre o papel da mentalidade humana, seus valores e comportamentos (ou seja, da cultura) na transição para uma Economia Circular e regenerativa. São visões que buscam reconhecer a interconexão e a interdependência entre as partes do ecossistema, compreendendo que a transformação sistêmica depende de uma nova forma de perceber a relação entre sociedade e meio ambiente.

Reflexões trazidas pela Economia Circular, a Economia Regenerativa (como a Economia Donut), os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

(ODS) e Objetivos de Desenvolvimento Interior (ODI), ou mesmo os principais riscos globais apontados pelo Fórum Econômico Mundial, apontam que a transição para uma Economia Circular não depende apenas de inovações tecnológicas, mas de uma mudança profunda na forma como percebemos o mundo e nos relacionamos com ele.

Embora a economia linear, consolidada no contexto da Revolução Industrial, tenha promovido avanços significativos, como o aumento da produção, o crescimento populacional e a redução da pobreza em diversos países, ela se baseia em uma lógica mecanicista e fragmentada da realidade.

O que é Economia Circular?

A Economia Circular é um modelo econômico que dissocia o bem-estar humano do consumo desenfreado de novos recursos. Em contraste com o modelo linear de “extrair, produzir e descartar”, ela propõe o redesenho de produtos e processos desde o início, a fim de manter produtos e materiais em uso pelo maior tempo possível. Nesse sistema sustentável e regenerativo, os produtos são reutilizados, reparados, remanufaturados ou reciclados, evitando a geração de resíduos e maximizando o valor dos recursos. Além disso, promove a regeneração dos sistemas naturais. (Ellen MacArthur Foundation e Ideia Circular)

Essa perspectiva gerou produtos e materiais com baixo aproveitamento e resultou em um sistema poluente, que alimenta desafios globais como as mudanças climáticas e a perda da biodiversidade.

Trata-se de um sistema que, em sua essência, não conecta causa e efeito e, sobretudo, não integra os fatores que compõem a realidade. O físico Fritjof Capra alerta que as crises ecológica, social, econômica e espiritual são manifestações de uma crise mais profunda: a crise de percepção. Ele defende que o mundo está à beira de uma grande transição cultural e intelectual, um “ponto de mutação”, que exige o abandono da visão mecanicista-cartesiana e a adoção de um paradigma sistêmico, ecológico e integrador.

Como na imagem ao lado (desenvolvida para o universo corporativo), podemos perceber a complexidade dos atores

sociais e ambientais no ecossistema, inevitavelmente interconectados e interdependentes. Ações e decisões em determinado ponto afetam o todo, as partes se influenciam mutuamente. Se

considerados os fluxos dessa imagem, visualizamos que os processos de retroalimentação estabelecidos nas relações são essenciais para sustentar todas as partes.

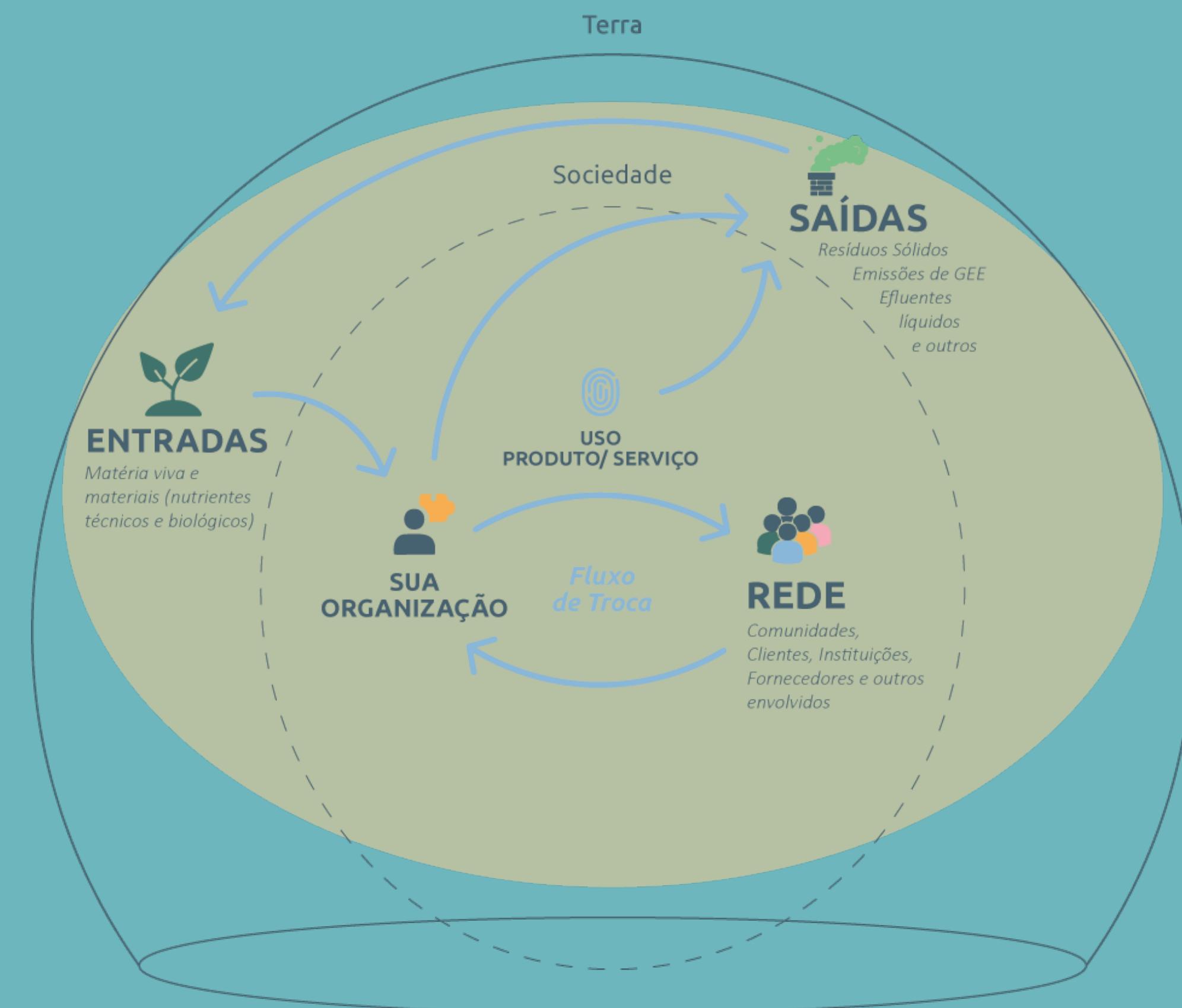


Imagen: Desenvolvimento de ecossistemas de inovação (Luana Fuentefria e Simone Nogueira)

Partir para essa compreensão do todo nos desperta a necessidade de propor mudanças que hajam na base dos significados produzidos pela sociedade, porque toda mudança que movimenta esse todo – uma mudança estrutural – exige um novo conjunto de valores, crenças, comportamentos e normas que a sustentem. Para Capra, as soluções devem ser baseadas em redes, ciclos, cooperação e regeneração. Desse modo, no caso do modelo econômico aqui proposto, acreditamos que a cultura precisa estar baseada no cuidado e na responsabilidade coletiva, construídos a partir da ressignificação de conceitos como o valor, o tempo, o consumo e o cuidado com o outro e com o planeta.

Uma das bases dos estudos da Economia Circular, o diagrama borboleta (desenvolvido pela Ellen MacArthur Foundation), nos oferece indícios da proposta dessa nova forma de ser e de estar no mundo. Essa representação

visual do atual sistema industrial separa os fluxos de materiais em dois tipos: nutrientes biológicos, materiais biodegradáveis que podem retornar à biosfera de forma segura; e nutrientes técnicos, que são projetados para

circular em alta qualidade na tecnosfera, sem entrar na biosfera. A maior proximidade do centro do diagrama deve ser o objetivo último das práticas de circularidade. Ou seja, menores são os usos de recursos e energia ao

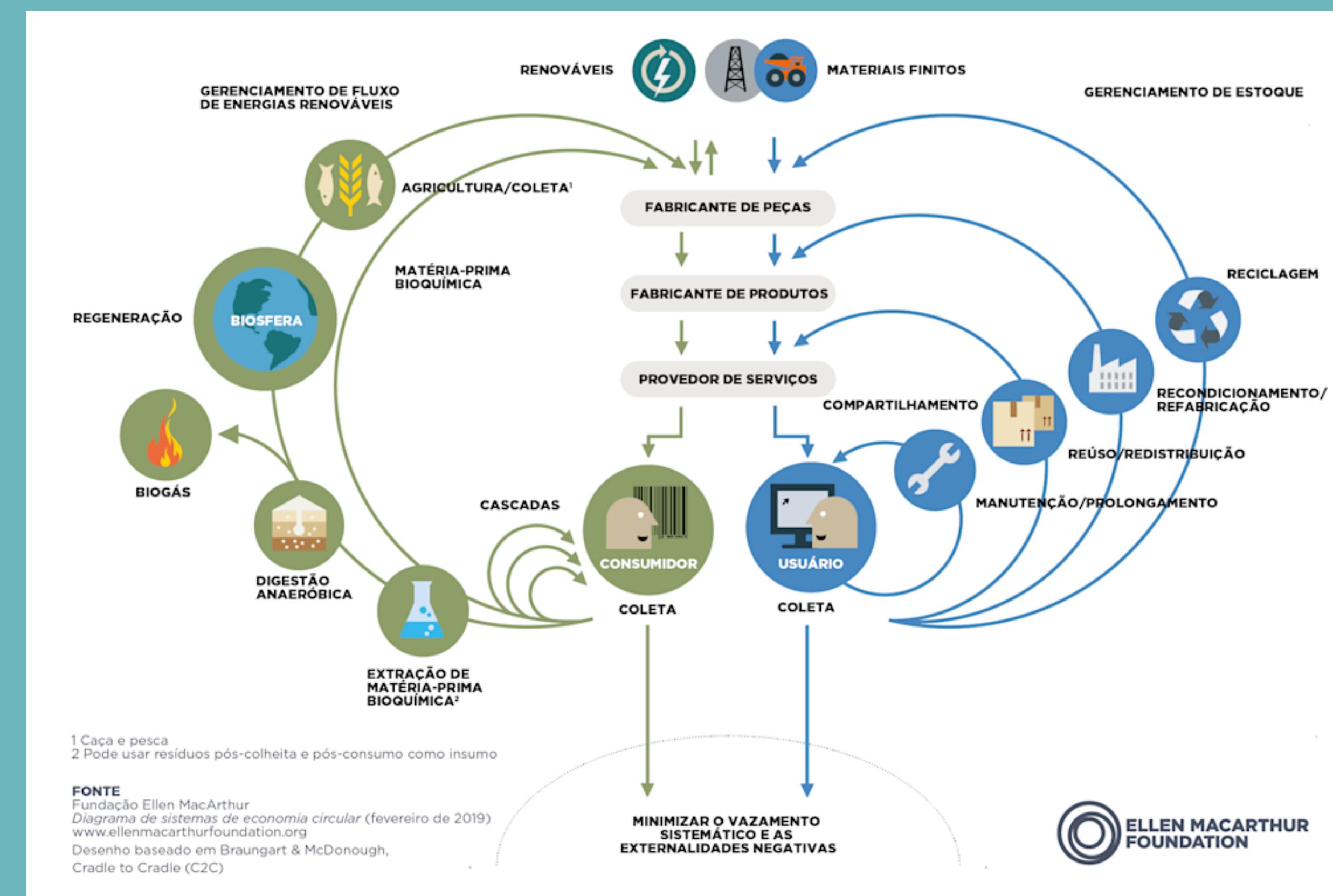


Diagrama borboleta (Ellen MacArthur Foundation)

se voltar, o comportamento humano para o compartilhar, o reaproveitar e o manter, por exemplo, em detrimento do reciclar, quando se perde o valor embutido em um produto.

Os ODS são outro exemplo da complexidade das soluções transformadoras. As metas globais desenvolvidas pela ONU são interdependentes e, sem um olhar integrado, corremos o risco de promover mudanças apenas aparentes, sem alterar as lógicas profundas que sustentam as desigualdades, os danos ambientais e os conflitos sociais. Os Objetivos de Desenvolvimento Interno (ODI) emergem da necessidade de alinhar o humano e social a essa complexidade, ajudando a conectar o mundo que queremos construir (apresentado pelos ODS) e o tipo de ser humano que precisamos cultivar para sustentá-lo, entendendo que o desenvolvimento

sustentável e regenerativo só será possível com uma humanidade que aceite participar desse processo evolutivo.

Os ODI se dividem em 5 objetivos: ser, pensar, relacionar-se, colaborar e agir. Em torno de 23 habilidades e qualidades como autoconsciência, presença, consciência da complexidade, sentido, apreciação, conexão, humildade, confiança, coragem e criatividade, os ODI buscam evitar as soluções tecnocráticas que não enfrentam as causas culturais e comportamentais profundas dos problemas sociais e ambientais. Em uma perspectiva de corresponsabilidade, também alimenta a necessidade de engajamento, cidadania ativa e participação coletiva nas soluções. O Inner Development Goal chama a atenção para que interior não é sinônimo de individual, mas que a natureza do desenvolvimento interior

é inherentemente coletiva, sistêmica, multidimensional, não linear, complexa, emergente e confusa.

Pense, por exemplo, em um projeto comunitário em uma região marcada por conflitos territoriais ou desigualdades sociais históricas. A simples presença de uma política de justiça restaurativa (ligada ao ODS 16) não será eficaz se os envolvidos não tiverem habilidades emocionais e relacionais desenvolvidas para praticar o diálogo, a escuta e a reparação. Um processo de formação que envolva tanto educação cívica quanto desenvolvimento de competências socioemocionais é o que permite a consolidação de culturas de paz de forma profunda e duradoura.



Objetivos de Desenvolvimento Interno

Visualidade dos ODI integrados aos ODS, proposto pela Inner Development Goals.

Diante dos desafios socioambientais contemporâneos, é evidente que a transição para uma Economia Circular e regenerativa não pode ser compreendida apenas como uma mudança de modelo produtivo ou tecnológico. Trata-se de uma transformação de natureza sociocultural. Sustentar um modelo circular e regenerativo requer muito mais do que redesenhar fluxos materiais: exige reconstruir os significados sociais que orientam as formas de ser, de produzir, de consumir e de se relacionar com o planeta e com os outros. Sem essa base cultural e perceptiva, as mudanças tendem a ser superficiais ou temporárias, falhando em endereçar as causas profundas das múltiplas crises.



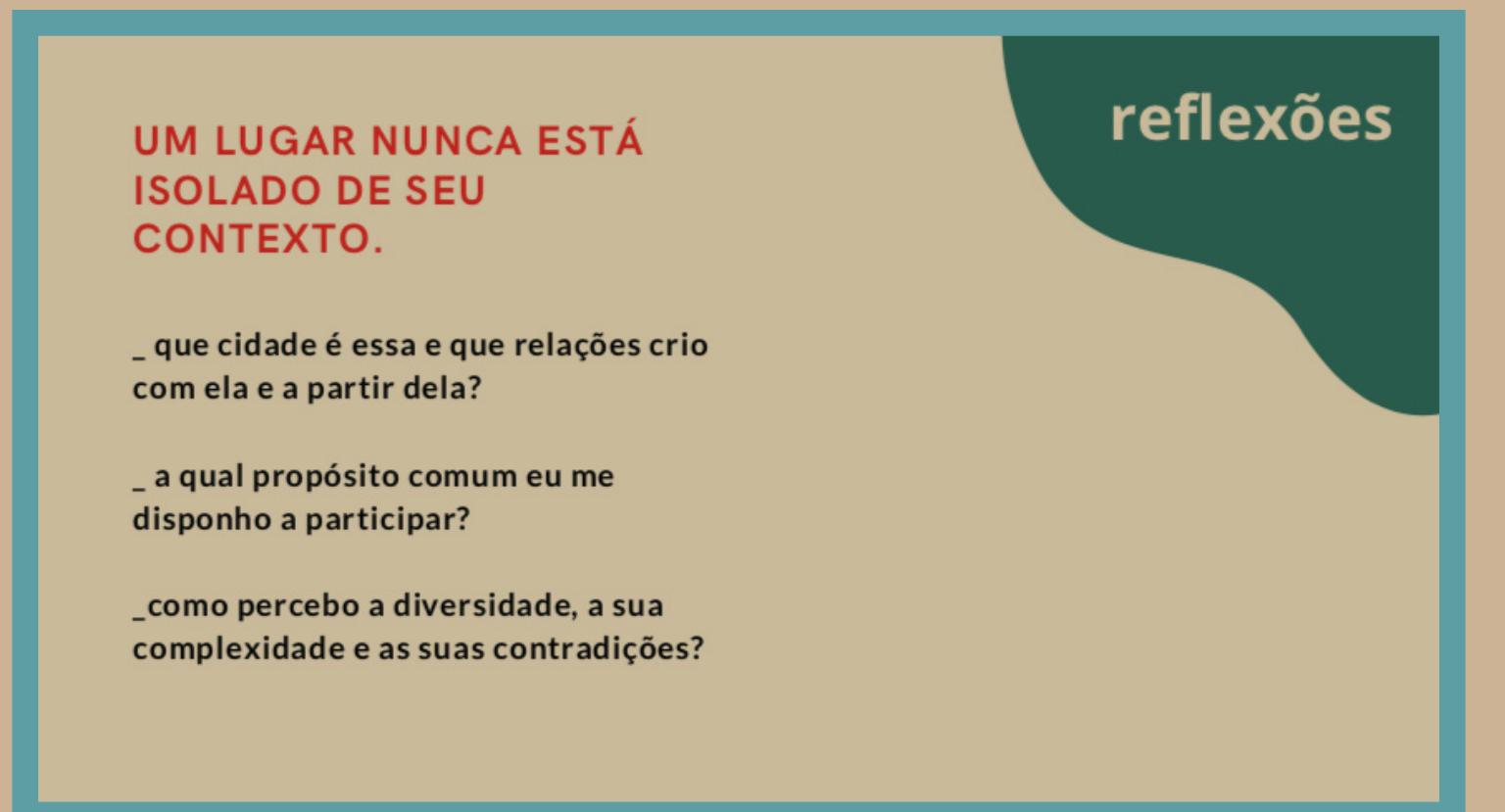
Formação em Economia Colaborativa e Circular (Eixo 1) Economia Circular

No **Módulo 2**, Antonia Wallig e Aline Bueno, cofundadoras do Vila Flores, nos convidaram a refletir sobre **Gestão Colaborativa, Articulação Comunitária e Inovação Socioambiental**, inspirando participantes a estruturar práticas de colaboração, fortalecendo redes de parceria e desenvolvendo relações comunitárias em seus territórios.

Inovação em movimento: criatividade, conexões e contradições

por Aline Bueno – Cofundadora do Vila Flores
e do Instituto Pluriversas

Durante o Programa Catavento, tive o prazer de compartilhar algumas reflexões e práticas no módulo sobre Gestão Colaborativa, Inovação Socioambiental e Articulação Comunitária da Formação em Economia Colaborativa e Circular. Na apresentação criada para esse encontro, havia uma tela com o seguinte texto:



Agora, nesta publicação, me proponho a compartilhar algumas breves reflexões provocadas por esses questionamentos.

Um lugar nunca está isolado do seu contexto

Fico pensando que não é apenas um lugar que nunca está isolado de seu contexto, mas, também, a inovação. Algo que é inovador no bairro Floresta, em Porto Alegre, por exemplo, não é inovador em outra localidade. A inovação, invariavelmente, está relacionada com um local, um território, uma cidade. Vai depender do contexto no qual está inserida e se determinados processos e práticas fazem sentido para quem vai usufruir. Além disso, nem sempre



será algo absolutamente disruptivo e radical, pelo contrário, em muitos casos é algo sutil e incremental. E não é por isso que será menos significativa para a comunidade que se beneficia dela. Penso que quando nos referimos à inovação socioambiental, a relação com o contexto é ainda mais estreita, mais interligada, pois se trata de uma inovação criada com o foco específico nas pessoas, em uma comunidade e no ambiente do qual ela é parte.

Que cidade é essa e que relações crio com ela e a partir dela?

Muitas pessoas dizem que Porto Alegre é uma cidade inovadora. Admito que tenho minhas (muitas) dúvidas quanto a essa afirmação quando eu penso na cidade como um todo. Mas não tenho dúvidas quanto à capacidade inovadora e criativa de diversos coletivos e

comunidades espalhados pela cidade. Não posso deixar de citar o Vila Flores, enquanto exemplo de inovação social, que desde sua criação busca atuar de outras formas, não-tradicionais, nas suas relações com as comunidades interna e externa. Com erros e acertos nesse processo, vem sendo um tempo e espaço de criação, de experimentos, de tentativas de semear futuros mais saudáveis, afetuosos e regenerativos. Esse laboratório, ou melhor, esse jardim vivo que é o Vila Flores, nos permite, mesmo que em uma pequena escala, viver uma cidade que acolhe, que cria laços, que costura relações, que nos faz acreditar que é possível sim um outro mundo.

A qual propósito comum eu me disponho a participar?

Essa pergunta muda de resposta conforme cada momento da vida e cada

momento que o mundo está passando. Hoje, me disponho a participar do propósito comum de regenerar a natureza, as relações humanas, o trabalho, as ideias. O propósito comum de sairmos de um pensamento linear e irmos para um pensamento circular, que nos faça compreender que tudo é cíclico, tudo volta, tudo está, de uma forma ou de outra, conectado. O propósito comum de trazer de volta saberes ancestrais que são mais inovadores que muitas tecnologias criadas atualmente. O propósito comum de criarmos um lugar onde as relações, pessoais ou profissionais, sejam pautadas pelo que é saudável e não pelo que é tóxico. Pode parecer tudo muito romântico, idealista e até utópico, mas, será que não estamos ainda precisando disso para criar a realidade que queremos? Acredito que se não nos guiarmos por



propósitos como esse, haverá sempre o rolo compressor da ode à produtividade, da rapidez e do crescimento a qualquer custo para passar por cima.

Como percebo a diversidade, a sua complexidade e as suas contradições?
Quando eu fecho os olhos e me conecto com o conceito de diversidade, o que me vem à mente não é exatamente uma imagem, mas sim um sentimento de abundância, de riqueza, de criatividade, de profunda conexão entre tudo que existe. Percebo a diversidade como um elemento extremamente necessário para uma vida plena e criativa. Sem ela, é impossível inovar e transformar as coisas ao nosso redor. Percebo a complexidade e as contradições da diversidade como faces de uma mesma moeda. Se por um lado, a diversidade gera complexidade, ou seja, mais relações

e conexões, ela também provoca inúmeras contradições nessas mesmas relações e conexões. Transpondo a diversidade para a colaboração entre pessoas, quanto mais diversas as pessoas, mais ricas e criativas são as conexões, mas também mais suscetíveis a contradições, oposições de ideias e até mesmo, incoerências entre o agir e o pensar. Mas aí que está a beleza da coisa! Já vimos que o pensamento e o agir “mono” não nos levou exatamente a um presente saudável e regenerativo.

Agradeço de coração à equipe do Programa Catavento por vivenciar essas trocas e poder compartilhar algumas reflexões que, certamente, não se encerram por aqui, mas seguem reverberando em mim, e espero que de alguma forma, também em ti.



Que soprem os bons ventos

por Antonia Wallig – Gestora do Vila Flores

Que os ventos soprem suaves, para seguirmos firmes na direção daquilo que acreditamos e que soprem com força, para mudar a direção do que sabemos que precisa urgentemente seguir outros rumos.

Quando refletimos sobre o funcionamento do Vila Flores como uma comunidade criativa e nos propusemos a pensar sobre uma metodologia, que pudesse de alguma maneira traduzir e organizar esse movimento que é tão orgânico, decidimos nomeá-la de Catavento.

Nos inspiramos nos quatro eixos que definimos como pilares para a atuação da Associação Cultural Vila Flores, como uma Organização da Sociedade Civil

(OSC), sempre entendendo que eles estão em movimento e se relacionam de forma transdisciplinar.



Entendemos que para esses eixos estarem de fato em movimento e se tornarem ações, eles precisam estar

calçados nas interações entre sociedade civil, universidades, gestão pública e iniciativa privada. Esse modelo, conhecido como hélice quádrupla, foi conceituado por Elias Carayannis e David Campbell (2009), e trata de levar à sociedade soluções para projetos em inovação nas mais diversas áreas que sejam mais abrangentes e inovadoras, que tenham capacidade para enfrentar uma variedade mais ampla de desafios e potencializar oportunidades, contribuindo, assim, para a criação de ambientes e projetos onde colaboração e inovação podem prosperar, com a diversidade de perspectivas e o compartilhamento de conhecimento e recurso.

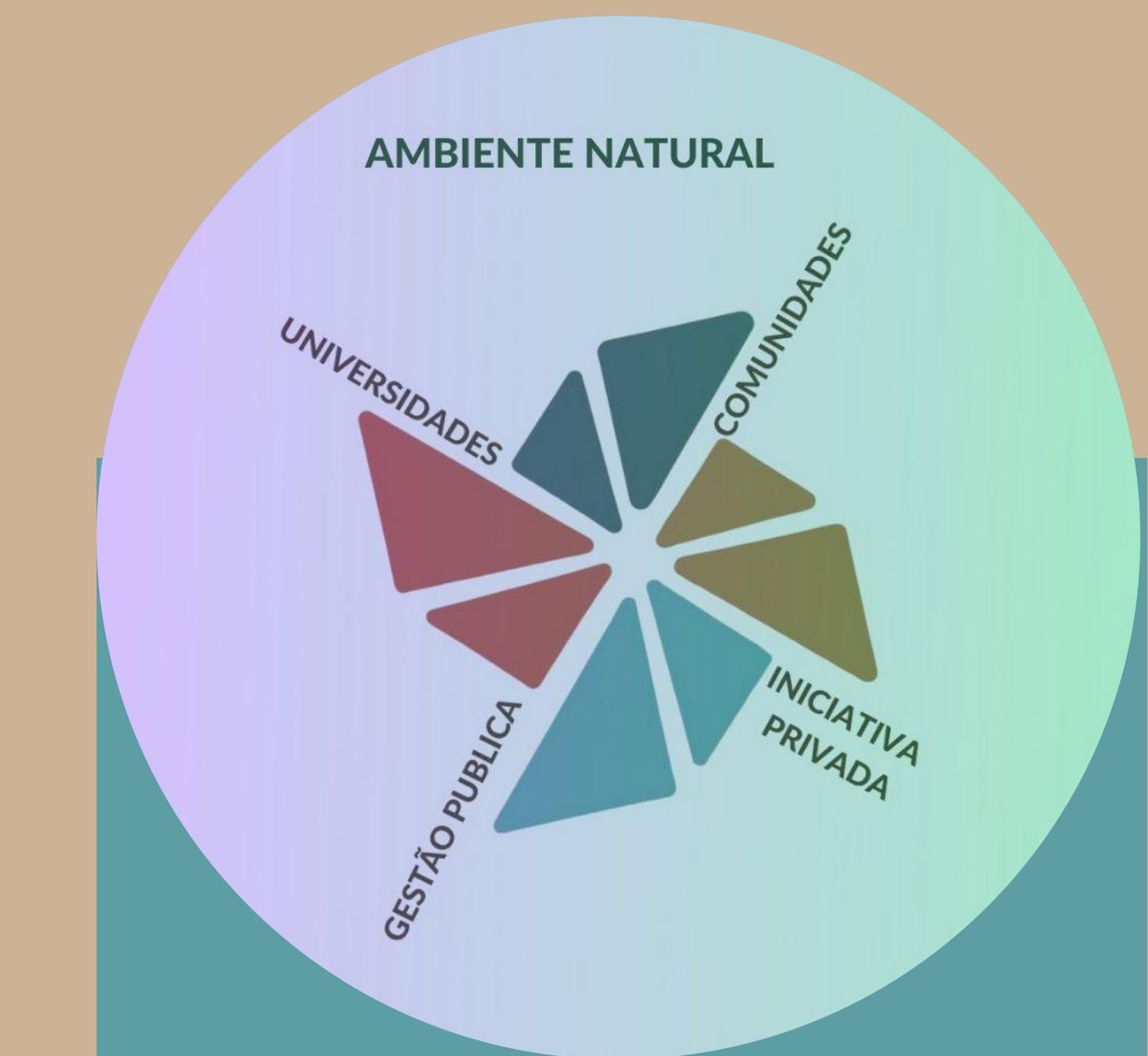
Já o conceito de Hélice Quíntupla expande a Hélice Quádrupla, proposto pelos mesmos autores, e incorpora o meio ambiente natural e “re-conhece” a importância da natureza e das interações socioecológicas no processo de inovação. É no mínimo curioso (para não dizer desesperador) pensar que estamos propondo reincorporar a natureza em nossos processos humanos e isso nos pareça inovador. Esse é apenas um exemplo que mostra o quanto de fato nos afastamos Dela.

Quando foi que nós humanos desaprendemos a ser Natureza? Ultimamente tenho pensado muito que parte da inovação que precisamos seja mesmo voltar alguns ou muitos passos atrás, em busca de uma ecologia social que perdemos. O Futuro é Ancestral, diz Ailton Krenak. Essa fala tem uma simplicidade tão potente e tem guiado reflexões

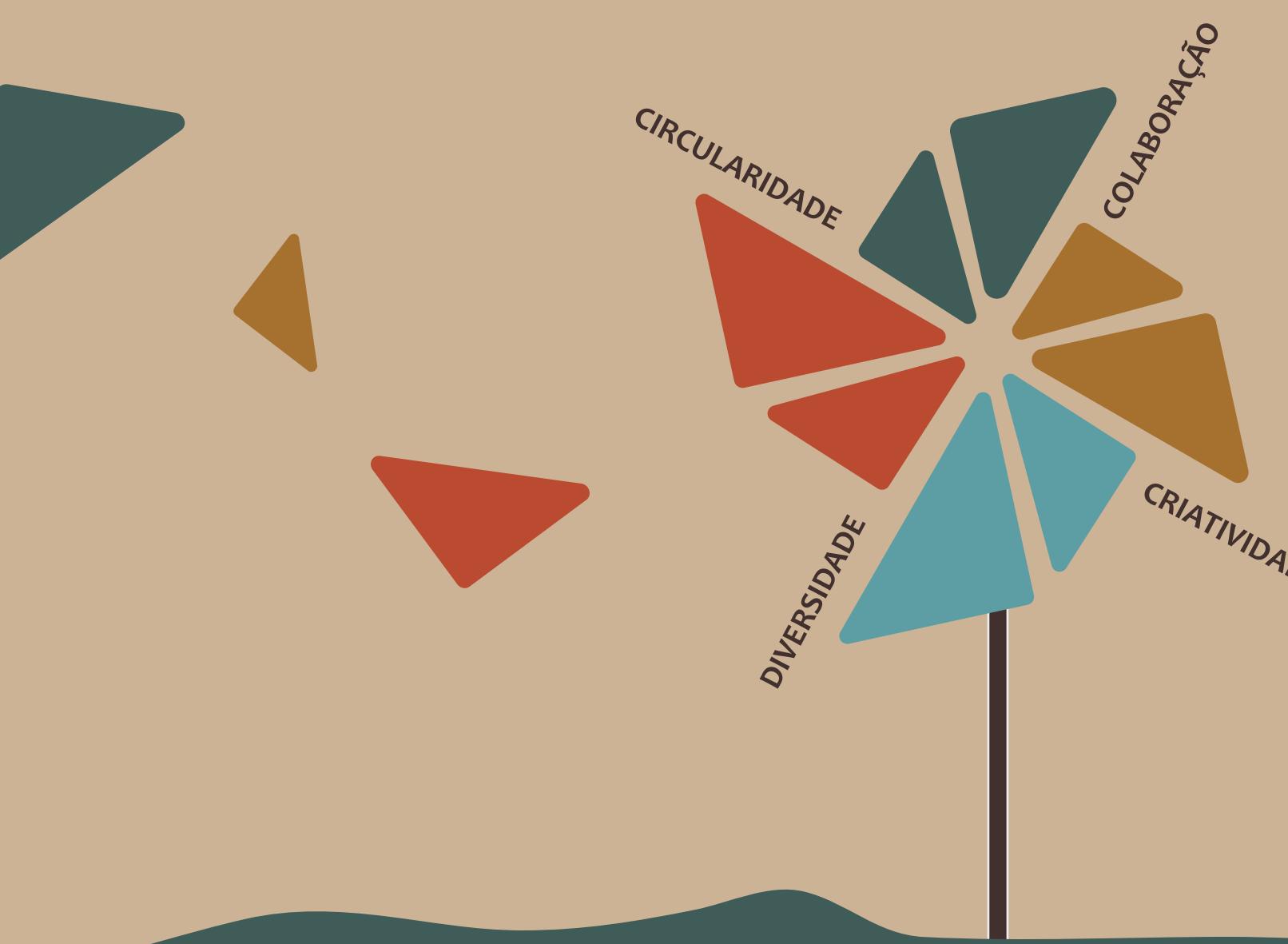
em muitos âmbitos da minha vida. “A conclusão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como uma alarme em nossas cabeças” (Krenak, 2019). Ailton em suas falas e escritos vem buscando sensibilizar as pessoas sobre vivermos a experiência de estar na Terra com a compreensão profunda de que Ela é nossa casa comum, nossa grande Mãe. “Devíamos admitir a Natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo. Enós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas” (Krenak, 2019).

Considero então que o ambiente natural são todas essas camadas, essa membrana de vida e sabedoria, muito mais grandiosa, abrangente e essencial do que uma hélice. É o todo, tudo o que podemos e não podemos ver, aquilo que

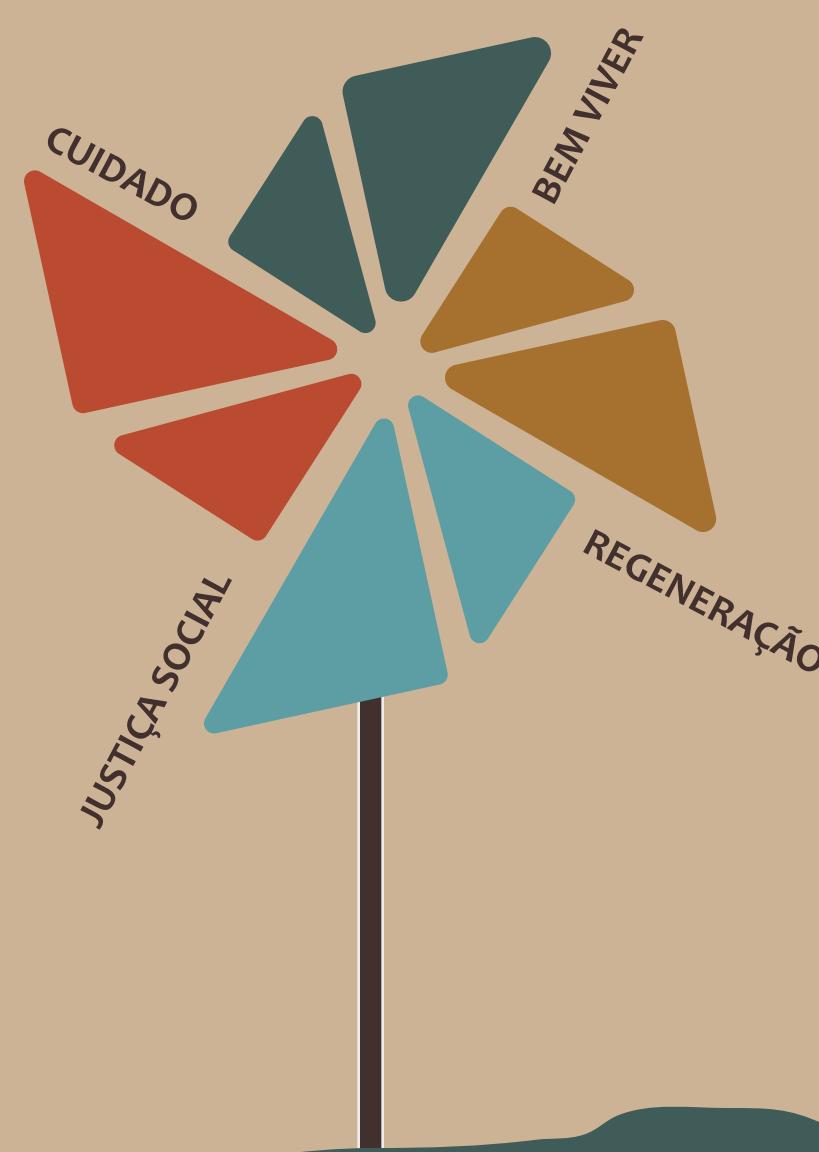
nossos sentidos alcançam perceber, mas também o que não conseguimos alcançar. Sendo assim, tudo o que pensamos e fazemos precisa de alguma maneira confluir para nutrir essa grande teia viva.



O Catavento é uma tecnologia desenvolvida pelo ser humano, uma inovação e, certamente, uma solução baseada na natureza. Ele pode ser uma ferramenta e também um brinquedo. Pode estar a serviço de gerar energia eólica para populações inteiras ou de alegrar uma criança que o vê girar com o vento, misturando as cores de suas hélices.



O nosso Catavento nasceu para girar a favor dos sonhos. Da possibilidade de desenharmos em suas hélices desejos de um outro mundo possível e assim colocá-los em movimento. Assim como na Natureza, existem tempos de ventania e outros de calmaria, mas sabemos que os sonhos precisam ser compartilhados e pensados coletivamente, para que possam circular por aí quando os bons ventos soparem.



E ainda, para seguirmos abastecidos das palavras desse grande espírito Krenak: “Esse contato com outras possibilidades implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como ‘natureza’, mas que por alguma razão ainda se confunde com ela” (KRENAK, 2019).

E você, o que gostaria de fazer girar nas hélices desse catavento?





Formação em Economia Colaborativa e Circular (Eixo 1) *Economia Circular*

O **Módulo 3** Vivência Criativa foi conduzido pela artista visual, arquiteta e professora Márcia Braga e proporcionou uma experiência imersiva, utilizando o exercício da criatividade como ferramenta fundamental para desenvolver os principais aspectos de cada negócio e projeto.

Pequenas Impressões

por Márcia Braga –
artista visual

Transferir para o pedaço de argila alguma memória, um registro, impressões. Analisar as partes, pensar formatos e formas, aproximar, unir, criar, inventar, contar histórias e estórias. Eis o exercício que fizemos juntos a partir de um olhar atento às coisas miúdas e suas possibilidades.





Formação em Economia Colaborativa e Circular (Eixo 2) Fomento

No **Eixo Fomento**, foi realizada a terceira edição do **Me Conta**. Neste ano, a premiação teve como **temática Soluções Criativas** e aliou a participação da comunidade à colaboração, atuação na Economia Criativa e reutilização de materiais. O evento que aconteceu dia 22 de maio, reuniu as iniciativas finalistas do **Me Conta: Soluções Criativas**, que foram: **Associação Ksa Rosa, CAON Lingerie, CÓS - Costura Consciente, Jornal de Futuros e Montando Histórias**; e contou com tradução para Libras e show da cantora **Gabriela Lery**.

A seguir, te contamos um pouco mais sobre cada uma das propostas apresentadas.

A **Associação Ksa Rosa** visa oferecer condições dignas de trabalho para catadores de materiais recicláveis e pessoas em situação de rua. A instituição tem a arte e a cultura como ferramenta de resgate social e buscou no **Me Conta** recursos para realizar oficinas práticas de criação de produtos com materiais reutilizados, de modo a contribuir para a geração de renda dos



participantes e também para realizar uma feira de exposição e venda das peças produzidas, com roda de conversa.

A **CAON Lingerie** é uma empresa social que cria e desenvolve coleções de roupas íntimas trabalhando em prol do autoconhecimento e do empoderamento feminino por meio da informação. A CAON implementou o programa de Logística Reversa de Roupas Íntimas, que desde 2019 já doou 4.830 calcinhas e sutiãs, desviando 224kg do aterro sanitário. No Me Conta, a iniciativa buscou recursos para continuar ativa. A premiação estava destinada a implementar um protótipo para manter a operação e beneficiar 400 mulheres em situação de vulnerabilidade.

A **cós - Costura Consciente** é um ecossistema de costura de impacto, que transforma resíduos têxteis em

novos produtos, ampliando a vida útil dos materiais e garantindo aperfeiçoamento do ofício da costura e a geração de renda para uma rede de mulheres. Os recursos do Me Conta, estariam destinados para investimento em estoque de produtos e em comunicação digital para ampliar o alcance e a conversão em vendas, bem como continuar beneficiando as costureiras e transformando os tecidos de mais de 5 mil guarda-chuvas resgatados após a enchente em peças de moda e design.

O **Jornal de Futuros** é um projeto colaborativo cocriado com os moradores do 4º Distrito. A proposta é imaginar e registrar as manchetes e histórias dos futuros que a comunidade deseja viver até 2035. A iniciativa usaria o recurso para a construção do jornal, que aconteceria em oficinas participativas e em entrevistas que colocam os

moradores como protagonistas na construção de cenários desejáveis. O resultado almejava um jornal físico e digital, para ampliar a diversidade de perspectivas e fortalecer o senso de pertencimento da comunidade.

O projeto **Montando Histórias** busca reinventar a forma como nos relacionamos com os objetos ao nosso redor, construindo narrativas e experiências artísticas a partir da transformação de materiais cotidianos em elementos cênicos. A intenção era promover oficinas práticas voltadas para crianças, educadores, famílias, artistas ou comunidades, convidando-os a partilhar memórias e invenções e a vivenciar a arte e a imaginação de forma acessível, colaborativa e sustentável. O ato de “construir histórias” sugere um processo coletivo e participativo, onde diferentes vozes, ideias e experiências se unem para criar algo novo.



Projeto realizado com recursos da Lei Complementar
nº 195/2022, Lei Paulo Gustavo.
O Ministério da Cultura e a Secretaria de Cultura do
Estado agradecem.

programa catavento

criatividade, colaboração e circularidade

de dezembro de 2024
a julho de 2025 no Vila Flores

ATIVIDADES GRATUITAS!

Acompanhe os detalhes da programação em
@catavento.vilaflores

Projeto Me Conta: a articulação das novas economias em prática no 4º Distrito

por Luana Fuentefria – Consultora de sustentabilidade e regeneração e mentora dos projetos selecionados para o Me Conta

Se o desenvolvimento de soluções em Economia Circular precisa estar baseado na transformação da cultura, criatividade e colaboração são não apenas ferramentas fundamentais, mas expressões da própria cultura que buscamos fomentar. Nesse novo conjunto de valores e comportamentos emergentes, faz sentido incorporar, em articulação com a Economia Circular, princípios como cooperação, cuidado, responsabilidade coletiva e valorização da diversidade, alinhando-se aos fundamentos das Economias Criativa e Colaborativa.

Os casos do *Me Conta*, que integrou o programa Catavento, são bons exemplos dessa articulação entre novos modelos econômicos. Cinco projetos foram

selecionados para receber mentoria e concorrer a aporte financeiro por meio de votação popular, com o objetivo de viabilizar suas ideias. A iniciativa CÓS (a mais votada), assim como a CAON Lingerie, têm como eixo central a circularidade na moda, uma das indústrias mais poluentes do mundo. Por meio de redes de colaboração e baseadas nos princípios mencionados acima, as mulheres empreendedoras dessas marcas constroem novas formas de vivenciar a moda. Elas vão além da estética e propõem novas relações com o planeta e com as pessoas ao reutilizar e remanufaturar materiais inusitados, como guarda-chuvas e lingeries, colocando o processo criativo nas mãos de mulheres historicamente apartadas das oportunidades do mercado.



Já a Ksa Rosa propôs um processo de capacitação de mulheres vulnerabilizadas para sua inserção nas Economias Solidária e Circular, abrindo caminhos para novas trajetórias profissionais.

O Jornal de Futuros pretende convidar quem habita e trabalha no 4º Distrito a imaginar manchetes de 2035, criando um espaço de escuta e construção coletiva de estratégias e políticas públicas. O Montando Histórias, por sua vez, quer estimular a contação de histórias por meio da reutilização de materiais simples, incentivando um olhar mais atento, criativo e ativo em relação ao mundo. Em comum, esses projetos atuam em um nível sociocultural, propondo novas formas de ser e estar no mundo através de redes de colaboração e valorização da diversidade.

Outro ponto em comum entre essas iniciativas é a valorização de soluções locais, um critério fundamental para a Economia Circular. O [Manual de Economia Circular para Cidades Ibero-americanas](#), produzido a partir da parceria entre diversas instituições e municípios, destaca que é no local que está o maior potencial de conexão entre pessoas, ambientes e fluxos. É nos territórios que se oferecem serviços, se produzem e consomem bens, e onde se cultivam a cultura, a inovação e a troca de saberes, além de sua importância econômica.

Essas experiências demonstram que a transição para soluções circulares bem-sucedidas são aquelas enraizadas em valores humanos e ações coletivas. Nesse processo, as Economias Criativa e Colaborativa cumprem um papel estratégico, pois oferecem não apenas

ferramentas, mas também formas de pensar e agir que rompem com a lógica linear e fragmentada. Ao valorizar a diversidade de expressões, saberes e relações, essas economias ampliam o repertório de soluções possíveis, promovendo inovação social enraizada nos territórios. São formas de economia que reconhecem o valor do coletivo, da escuta e da criação compartilhada, e sua articulação à Economia Circular se mostra uma perspectiva potente de reimaginar nossas formas de produzir, consumir e conviver.



Formação em Economia Colaborativa e Circular (Eixo 3) Difusão

O Programa Catavento, realizado pelo Vila Flores, promoveu o **Encontro em Economia Colaborativa e Circular**, reunindo especialistas para palestras temáticas e debates interativos com o público. O evento buscou ampliar o diálogo sobre inovação social, práticas sustentáveis e articulações coletivas, trocando experiências em torno dos desafios do desenvolvimento da Economia Criativa.

Os debatedores foram Juliana Sehn (RS Criativo), Cleiton Chiarel (urbanauta e cientista), Jorge Piqué (idealizador do Distrito C), Marina Giongo (designer de moda), Alnilam Orga (jornalista e comunicador social) e Ricardo Abussafy (pesquisador e consultor socioambiental) e as mediadoras foram Paula Visoná (pesquisadora de Economia e Indústrias Criativas) e Karine Freire (agente do bem viver).



Revolução Circular: sabedoria regenerativa para reinventar a Economia

por Karine Freire - Agente do bem viver

Ponto. Círculo. Consciência. Sabedoria.

O ponto de vista do observador altera a realidade percebida — a teoria já nos explica há muito tempo.

Há seres humanos que se esqueceram de que não são apenas corpos físicos cheios de vontades a serem atendidas. Somos também energia vital pulsante, entrelaçada na grande teia da vida, que se manifesta a cada ação, a cada escolha, a cada respiração.

Aqueles que vivem imersos na ilusão da separação acreditam ser os seres mais inteligentes do planeta. Criam tecnologias para ampliar suas mentes e, ironicamente, para depender menos do corpo no contato com o mundo.



Fig.1.: pulseira infinita, chamada Waryma Kaha, feita com fibra de arumã trançada pelas artesãs Waimiri Atroari no estado de Roraima.

Há os que confiam apenas no que conseguem ver — e chegam a crer que a Terra é plana. Não percebem que a realidade ultrapassa os limites dos sentidos.

O plano e a linha são parentes geométricos. E a linearidade do pensamento — assim como a dos processos produtivos desconectados da vida — nos conduz a um desfecho previsível: o ponto final. O ponto de não retorno.

Mas o ponto também nos revela algo. Ele marca o fim e o início. É semente e encerramento. Nos lembra que a circularidade é o que caracteriza a vida na Terra — que é redonda, que gira, que pulsa em ciclos. A vida nos ensina que tudo o que emerge na matéria precisa um dia deixar de existir e retornar ao chão. Tudo é biodegradável. Tudo é movimento.

Os fluxos da vida são circulares.

Tudo o que é vivo tem começo, meio e fim. E todo fim é também um novo começo — de um outro ser, de um novo ciclo, de um outro fluxo de vida. Mas o humano, ao romper com a Natureza, tornou-se inimigo da finitude. No sonho da eterna juventude, criou artefatos para facilitar a vida, manter-se jovem e conquistar mais tempo para o chamado “ócio criativo”. Essa promessa atravessou cada novo sistema econômico que organizou a sociedade: mais conforto, mais tempo, mais progresso. Mas o que se viu foi o aprofundamento da desigualdade. Apesar das possibilidades de mobilidade social, quem acumula riqueza não demonstra desejar acabar com a pobreza, na verdade demonstra desejar se distinguir dela. E o fosso se aprofunda.

Recursos não faltam. Temos o suficiente para acabar com a miséria, despoluir as águas e as terras, e viver de outro modo neste planeta. Mas, para isso, é preciso mudar a consciência.

Investimos tanto na artificialidade para manter a vida... que agora vemos a inteligência artificial substituindo a inteligência humana, consumindo ainda mais recursos naturais para funcionar. Mas o que falta na inteligência artificial é o mesmo que falta em boa parte da inteligência humana: consciência. Para que tanta agilidade? Tanta capacidade preditiva? É para gerar mais qualidade de vida? Mais possibilidades de florescimento do ser? Ou para multiplicar os abismos sociais?

Se olharmos para trás, o saldo até parece positivo.

Mulheres já não são mais queimadas em fogueiras. Pessoas negras já não são mais escravizadas legalmente e vendidas como mercadorias.

Mas será que estamos melhores mesmo?

Mulheres seguem sendo assassinadas. Pessoas negras seguem sendo humilhadas, violentadas, silenciadas.

O progresso linear promete futuro. Mas é o **tempo circular** que nos ensina a viver.

Voltando ao ponto principal: o ponto de retorno. Aquele em que mudamos o olhar — e a realidade muda com ele.

O ponto em que lembramos: somos um único oceano. Deste oceano emerge a Terra fértil. A Terra que cria a vida e permite que as vidas aquática e terrestre coexistam em interdependência.

Sem o equilíbrio do oceano, não habitaríamos esse corpo físico nesta

dimensão da matéria. Como oceano, temos correntes. Temos fluxos. Somos circulares. Movemos a vida de um lado a outro. Orbitamos o Sol para que a energia pulsante da vida alcance todos os recantos do nosso ser — e da existência. É essa circularidade que possibilita a diversidade de formas de vida florescer há bilhões de anos.



Fig.1.: pulseira infinita, chamada Waryma Kaha, feita com fibra de arumã trançada pelas artesãs Waimiri Atroari no estado de Roraima.

Reconhecendo a força oceânica que habita em nós, não há outro modo de cuidar da Casa Comum senão por meio da **força criativa e circular**. Uma economia que seja expressão da vida: que pulsa diversidade, que reconhece os ciclos de geração, degeneração e regeneração. Uma economia que reinventa o uso da matéria, transforma resíduos em valor, e propõe novos modos de existir — na moda, no design, na arte, no cotidiano.

Uma economia viva. Regenerativa. Que circula ideias de justiça socioambiental, equidade de gênero, paz e prosperidade para todos os seres — até, pelo menos, sete gerações depois de nós.

Gosto de pensar que o círculo é fruto de um ponto que convida outro ponto a dançar num compasso. E no conjunto dos pontos dançantes, o círculo se firma. O círculo agrega, é expansão.

Do ponto de (re)torno à espiral de (re)volução

Economia circular é da roda, da ciranda, da alegria e talvez por isso ela seja tão pouco potencializada na lógica da linha, da rigidez, do medo e da escassez. Numa licença poética de potencialização de uma economia pulsante, criativa, de elevação da consciência e regenerativa, inspirada nas forças da natureza, proponho uma “**ECOnomIA Espiral**”. Uma economia pautada na Inteligência Ancestral, na sabedoria natural, que a Terra compartilha conosco há bilhões de anos. A inteligência da casa comum. Nessa economia fazemos ECO para esse tipo de inteligência de seres mais que humanes: ela a reverbera e a respeita. Eco é o resultado do encontro da sutileza das ondas do som com a solidez da matéria. É o modo mais rápido e simples de percebemos o quanto a

Terra responde às nossas ações. **Ponto. Círculo. Onda. Espiral.**

Na “**ECOnomIA Espiral**” reconhecemos que somos NATUREZA. Somos Oceano. Somos húmus. Somos fertilidade. Somos ar e calor. Somos vidas que pulsam num corpo que chamamos de sapiens. E somos Consciência — às vezes adormecida — que, quando desperta, nos devolve a sabedoria ancestral de viver em respeito com todos os seres.

Na mesa das trocas em torno da Economia Circular conhecemos dois projetos do 4º Distrito de Porto Alegre: *Semente do Plástico* e *CÓS - Costura Consciente e Design Sustentável*. Esses são pontos que podemos juntar conectar, tecer, movimentar e fortalecer para que novas realidades emergam, a consciência expanda e a prosperidade seja gerada no território. São iniciativas criativas,

colaborativas, circulares que precisam rodar o mundo gerando transformações significativas nos nossos modos de consumir e nos relacionarmos com entidades comerciais.

Por: Karine Freire. Este texto nasce da escuta do tempo presente e da urgência de imaginar outros futuros — em espiral, em dança, em respeito à vida, ecoando as vozes silenciadas dos seres mais que humanes. É um processo de cenários de design. É um exercício de escrita regenerativa: agroflorestal, que convoca o corpo, que respeita o tempo, reimagina o mundo, coletiva e livre (ver <https://escritasregenerativas.substack.com>). É fruto das reflexões possibilitadas por um tempo de estudos e pesquisa, apoiado pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) processo “SEI-260003/016639/2023” a quem agradeço imensamente.

O coletivo que transforma: a experiência à frente do RS Criativo

por Juliana Sueli Sehn – RS Criativo

O RS Criativo – Programa de Desenvolvimento Estratégico da SEDAC/RS representa uma política pública estruturante voltada ao fortalecimento das indústrias criativas no Rio Grande do Sul. Criado com o objetivo de articular, fomentar e planejar o desenvolvimento do setor em suas múltiplas dimensões, o programa atua como plataforma de conexão entre agentes públicos, sociedade civil e empreendedores criativos, contribuindo para consolidar a economia criativa como vetor estratégico de desenvolvimento econômico, social e cultural.

A relevância da indústria criativa no contexto estadual tem sido amplamente reconhecida por estudos e diagnósticos recentes. De acordo

com a Nota Técnica do Departamento de Economia e Estatística do RS (2023), os setores criativos já respondem por aproximadamente 2,5% do PIB gaúcho, com especial concentração nos segmentos culturais, de design, audiovisual e tecnologia aplicada. Esse número, no entanto, é ainda maior se considerados os índices de informalidade e a atuação difusa de muitos empreendedores. Como aponta a pesquisa “Mapeamento do Potencial Criativo no RS” (RS Criativo & Inova RS, 2024), há um enorme campo de crescimento se forem estabelecidas políticas públicas efetivas, intersetoriais e territorializadas. A literatura global sobre o tema reforça esse entendimento, destacando o papel das indústrias criativas como



catalisadoras de inovação, inclusão e desenvolvimento sustentável, sobretudo em contextos onde a diversidade cultural é um ativo. Pesquisadores em políticas públicas defendem que o investimento na economia criativa requer uma abordagem sistêmica, que articule cultura, educação, tecnologia, economia e planejamento urbano. Nesse sentido, programas como o RS Criativo ocupam papel central ao promover uma visão integrada e transversal do setor, respeitando as especificidades locais e potencializando o capital intelectual existente.

É importante reconhecer que, no cenário contemporâneo, diversas abordagens econômicas têm ganhado relevância nas agendas públicas e institucionais — entre elas, a economia circular, a economia solidária e as economias de impacto socioambiental. Estas

correntes compartilham valores como a sustentabilidade, a cooperação, a regeneração de recursos e o compromisso com o bem-estar coletivo. Ainda que dialoguem com o campo da economia criativa em termos de princípios e propósitos, é fundamental compreender que a economia criativa constitui um campo específico, estruturado a partir de setores produtivos cujo insumo central é a criatividade aplicada. Sua delimitação técnica se dá por meio de classificações econômicas oficiais, como os Códigos Nacionais de Atividades Econômicas (CNAEs), que agrupam atividades relacionadas à cultura, às criações funcionais, às mídias e à tecnologia. Essa distinção é essencial para a formulação de políticas públicas assertivas, pois evita a diluição conceitual e assegura que os instrumentos de fomento, planejamento e regulação atinjam efetivamente os agentes e setores que compõem a matriz

criativa da economia. No âmbito de sua atuação, o RS Criativo estrutura-se a partir de cinco eixos estratégicos: Capacitação e Residência, voltado à qualificação técnica e à formação de lideranças criativas; Territórios Criativos, que fomenta projetos em contextos urbanos e periféricos; Mercado e Circulação, dedicado ao estímulo de cadeias produtivas e à conexão entre oferta e demanda; Promoção e Investimento, que atua na atração de recursos e visibilidade; e o Observatório, responsável pela geração de dados, indicadores e estudos de base territorial e setorial. Esses eixos não operam de forma isolada, mas como parte de uma estratégia integrada, que reconhece a complexidade e a diversidade da economia criativa no Estado.

A experiência prática mostra que a transversalidade e o trabalho em rede

são indispensáveis. As conquistas do programa são fruto direto da articulação com conselhos de cultura, fóruns regionais, colegiados setoriais, universidades, coletivos de produtores e gestores públicos. O diálogo com as instâncias de representatividade da sociedade civil, especialmente os Conselhos Municipais de Cultura e os Colegiados Estaduais, tem sido fundamental para garantir legitimidade, capilaridade e pertinência às ações desenvolvidas. Essas vivências demonstram que a construção de políticas públicas efetivas ocorre no coletivo, e que o papel do Estado é tão articulador quanto indutor.

Essa lógica também se aplica à governança institucional. A intersetorialidade entre Secretarias de Estado — Cultura, Economia, Trabalho, Inovação, Turismo, Educação, Desenvolvimento Social, entre outras —

é condição necessária para consolidar a indústria criativa como política de Estado. A valorização do capital intelectual, da diversidade cultural e da capacidade inventiva dos territórios depende de um planejamento conjunto, orientado por dados, vocações locais e oportunidades concretas de geração de renda e inclusão.

Por fim, é necessário que todos os agentes envolvidos compreendam a abrangência e o potencial da economia criativa. Os próprios empreendedores criativos, gestores públicos, academia e setor privado precisam conhecer os setores que compõem esta economia, sua importância estratégica e suas especificidades. Apenas com esse entendimento coletivo será possível construir ações pontuais, parcerias sustentáveis e resultados efetivos — não apenas no campo econômico, mas também no plano social, educacional

e simbólico. O RS Criativo segue comprometido com esse horizonte: o de um Rio Grande do Sul criativo, colaborativo e inclusivo, onde a cultura e a inovação estejam no centro do desenvolvimento.

REFERÊNCIAS:

- FONSECA, Ana Carla. Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: uma perspectiva latino-americana. São Paulo: Itaú Cultural; British Council, 2008.
- HOWKINS, John. The Creative Economy: How People Make Money from Ideas. London: Penguin, 2001.
- RS. Departamento de Economia e Estatística – DEE. Nota Técnica – Indústrias Criativas no RS: estrutura produtiva e indicadores socioeconômicos. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2023.
- RS. Secretaria de Estado da Cultura – SEDAC; Secretaria de Inovação, Ciência e Tecnologia – SICT. Mapeamento do Potencial Criativo no RS. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2024.
- UNCTAD – United Nations Conference on Trade and Development. Creative Economy Report 2010: Creative Economy – A Feasible Development Option. Geneva: United Nations, 2010.



Entre ideias e pessoas: onde a mudança realmente acontece

por Cleiton Chiarel – Urbanauta e cientista

Até pouco tempo atrás, eu me preocupava muito com o que era economia criativa, circular, colaborativa... Lembro de fazermos entrevistas com profissionais da indústria criativa que não se consideravam como tal assim como outros que achavam que faziam parte da economia circular ou colaborativa. Isso sempre foi algo que ficava no horizonte — e ainda está — considerando que este artigo deriva dos painéis realizados durante o Projeto Catavento no Instituto Cultural Vila Flores.

As universidades têm suas linhas de pesquisa, entidades têm suas convicções, de acordo com quem ocupa a cadeira: ora dando mais ênfase para um setor, ora para outro. Mas o que me

fez jogar isso tudo para o alto foi quando comecei a me aprofundar em questões envolvendo o desenvolvimento social e, sobretudo, a geração de capital humano. Percebi — confesso que mais tarde do que esperava — que grande parte dos nossos debates acadêmicos estavam apartados da realidade do nosso povo, da nossa gente.

Quando eu entrava numa comunidade, qualquer que fosse, as pessoas não queriam saber de termos, expressões... não queriam projetar o futuro, sempre com muita dificuldade... O futuro, para elas, era o agora. O presente. A preocupação era em pôr comida na mesa — e, infelizmente, isso ainda é assim na imensa maioria das nossas comunidades. Esse choque de realidade

me fez considerar a economia criativa (e aqui o leitor pode classificá-la como quiser — circular, colaborativa — pois sei que, para fins de financiamento, há diferença) como uma possibilidade de ascensão das condições humanas. Porque é nas nossas periferias que está grande parte das pessoas que precisam de apoio para desenvolver seus negócios, se capacitarem de acordo com suas vocações — inclusive, descobrirem suas reais vocações.

Isso me levou a desenvolver inúmeros projetos — alguns em paralelo, outros seguindo uma sequência escalonada que leva uns bons anos para vicejar e, mesmo assim, necessitam do apoio da famosa quádrupla hélice (governo, instituições, sociedade civil e empresas).

Estou falando isto tudo para dizer para vocês que:

1º Diversidade gera inovação

2º Cultura Cidadã gera reflexão

3º Urbanismo social gera pertencimento

4º Educação gera oportunidades

Tendo essas premissas comigo, os projetos nos quais colaboro passaram a fazer mais sentido para todos — e foram ficando esquizofrenicamente complexos no quesito da governança, pois não gostamos de dizer o que precisa ser feito; construímos juntos com os moradores. A economia criativa está umbilicalmente conectada — seja na qualificação e diversificação da gastronomia, seja nas aulas de informática, seja nas de música e dança.

A quinta hélice é o próprio meio ambiente. Tudo o que fazemos deve ter como premissa a sustentabilidade: o aproveitamento adequado de resíduos, a investigação de soluções que não agridam a natureza, o consumo de produtos naturais. Por tudo isso,

entendi que o verdadeiro sentido do que fazemos não está apenas nos conceitos ou nas teorias que estudamos, mas na capacidade de transformar a realidade das pessoas agora, no presente.

A cultura cidadã, o urbanismo social, a educação e a diversidade não são apenas palavras bonitas — são caminhos para construir pertencimento, gerar oportunidades e criar um futuro possível. É nesse encontro entre saberes, na articulação entre comunidade, poder público, empresas e academia, que conseguimos tecer projetos que fazem sentido. E, se há algo que levo de toda essa caminhada, é que inovação social não é sobre tendências ou modismos: é sobre gente, sobre vida e sobre o compromisso inadiável de fazer com que cada território floresça com dignidade e esperança.



Sobre Alfabetização de Futuros, Hubs e Ecossistemas Criativos e Cidades: uma proposta de ferramenta para viabilizar futuros possíveis e desejáveis coletivamente

por Paula Visoná e César Kieling

O imaginário é um território maleável (DURAND, 1997; MAFFESOLI, 1988; 2012), capaz de ser moldado para fomentar novas ideias, visões de mundo e percepções inter-relacionais. Contudo, esse mesmo território é suscetível à captura. Tanto o estímulo quanto a apropriação dos imaginários podem ocorrer por meio dos produtos das Indústrias Culturais e Criativas, que, operando como mecanismos de Soft Power (MACDONALD, 2019; BRITISH COUNCIL, 2021; SEVIN, 2025), nem sempre promovem transformações positivas para os envolvidos.

Da mesma forma que as expressões criativas podem capturar nossos imaginários, as tecnologias exercem

um papel similar. Elas podem ser tanto facilitadoras de acesso a diversas soluções e expressões quanto dispositivos para performance social, trabalho ou concessão de poder.

Esses processos multifacetados e suas implicações devem ser cuidadosamente considerados. Nosso foco reside na intersecção entre o imaginário, entendido como território, e os Hubs e Ecossistemas Criativos. Estes últimos são percebidos como ambientes propícios ao cultivo desse território, um solo fértil para a emergência de novas ideias em diversas áreas. De particular interesse é a conexão potencial entre a concepção desses ambientes, as interações que neles se

estabelecem (interna e externamente), e a convergência desses processos com a Alfabetização em Futuros, visando a geração de impactos positivos nas cidades.

A antecipação é o cerne da Alfabetização em Futuros e serve como um dos veículos para enriquecer o imaginário com novas perspectivas para a projetação de futuros. Dessa forma, é possível transformar nossos presentes, facilitando a transformação dos territórios que habitamos. Devido às suas características intrínsecas, os Hubs e Ecossistemas Criativos desempenham um papel crucial na projetação de futuros coletivos, gerando efeitos e significados distintos, tanto subjetivos quanto objetivos, e, consequentemente, moldando novos futuros para as cidades em que vivemos.

Nesse contexto, esses ambientes são indispensáveis para o desenvolvimento de estratégias de construção e

disseminação de princípios, ferramentas e métodos da Alfabetização em Futuros. Eles contribuem para a projetação de futuros que antecipem, por exemplo, outros impactos decorrentes de fenômenos análogos à enchente de 2024 em Porto Alegre. Ademais, esses ambientes podem catalisar a colaboração entre cidadãos, poder público e entidades ligadas à cidade, facilitando a construção de “memórias de futuros” (HEIJDEN, 2004). Isso, por sua vez, permite a configuração de um imaginário dotado de instrumentos acessíveis para lidar com fenômenos extremos, tanto em âmbito individual quanto coletivo.

Não é por acaso que a Unesco, há mais de uma década, definiu a Alfabetização em Futuros (Future Literacy) como uma competência essencial para salvaguardar o futuro de diversos povos, etnias e culturas. Através da Cátedra de Alfabetização em Futuros, a Unesco visa disseminar o

conhecimento sobre os futuros e sua influência nas decisões presentes. Com projetos e Laboratórios de Alfabetização em Futuros, a organização busca educar e conscientizar, especialmente os jovens, sobre o seu papel na construção de futuros mais diversificados, sustentáveis, equitativos e inclusivos (Miller et al, 2018; UNESCO, 2019).

A Alfabetização em Futuros não se limita a uma mera “viagem ao futuro”. Seu objetivo é, na verdade, um retorno ao presente, permitindo-nos enxergá-lo sob uma nova perspectiva. Ao antecipar desdobramentos, possibilidades, impactos e transformações, adquirimos novos conhecimentos. Isso nos capacita a imaginar soluções, respostas e alternativas de maneiras inovadoras, diferentes das concepções atuais.

As práticas de cenários de futuros desempenham um papel crucial

nesse processo. Elas facilitam o exercício da antecipação, pois pressupõem a conexão de elementos, o estabelecimento de dinâmicas em torno dos desdobramentos de ações futuras, a previsão de repercussões e a construção de consenso sobre o que pode ser mais benéfico, tanto individual quanto coletivamente (RASQUILHA, 2015; VISONÁ, CUNHA, KIELING, 2022).

É fundamental compreender que antecipar não é sinônimo de prever. A antecipação envolve a análise e interpretação de relações entre elementos para discernir o que pode surgir ou se desenvolver a partir delas. No contexto da Alfabetização em Futuros, isso se manifesta ao identificar Sinais Fracos (VISONÁ, CUNHA, KIELING, 2024), que servem como indicativos de inovações no panorama de eventos e fenômenos que compõem o cotidiano sociocultural.

Uma forma muito simples de identificação de Sinais Fracos é por meio da observação ativa do nosso dia a dia, assumindo uma postura que subentende não apenas viver o cotidiano, mas, buscar compreender o que está na base das diferentes dinâmicas que se estabelecem entre diferentes entes, atores, agentes e organizações, independente dos contextos. A partir dessa lógica, podemos identificar algumas “senhas” que permitem o acesso não apenas ao imaginário estabelecido, mas também às portas que abrem para novos caminhos e possibilidades.

Considerando as diversas estruturas e dinâmicas do nosso cotidiano, percebe-se que “comunidade” e “proximidade” são duas senhas importantes do nosso tempo. É nesse contexto que se insere a obra de Manzini, “Proximidade Habitável -

ideias para a cidade que cuida” (2024). Nela, o autor, em conjunto com outras perspectivas, aprofunda esses temas, oferecendo princípios e aplicações práticas que nos guiam na construção de novas formas de experienciar e viver nas cidades.

Manzini (2024) define proximidade como uma qualidade inerente a um sistema, denominado “sistema de proximidade”, cujos nós são entidades que interagem fisicamente próximas. Este sistema, por sua vez, é um subsistema de uma rede de interações mais ampla, que se estende para além do que está imediatamente próximo a nós. Tal rede abrange não só seres humanos e produtos de suas atividades, mas também todos os elementos vivos e não vivos ao nosso redor, formando comunidades que são constituídas devido a diferentes aspectos compartilhados – desde ideias, passando por desejos e necessidades comuns,

chegando até aspectos práticos, como compartilhamento de espaços, de custos, de benefícios, de trabalhos, etc.

E quais seriam as relações entre esses fatores e a Alfabetização em Futuros? Justamente, a perspectiva de construirmos instrumentos e tecnologias que possam viabilizar a projetação de futuros onde a proximidade seja o elemento que oportuniza a constituição de comunidades vivenciais envolvendo seres humanos e não humanos nas cidades. A transgressão das lógicas sociais e a busca por novos entendimentos sobre e para as coisas e o mundo – algo inerente às ações, interações, relações e conexões que caracterizam Hubs e Ecossistemas Criativos – é o potencial veículos de ativação de (outros) futuros, uma vez que esses ambientes possuem a característica de produzir efeitos

e impactos positivos nas comunidades externas a esses ambientes.

Nesse cenário, os Hubs e Ecossistemas Criativos atuam como propulsores de práticas de design, superando os limites de suas comunidades. Eles viabilizam o desenvolvimento de soluções que permitem a indivíduos e organizações externas acessar “memórias de futuros” (HEIJDEN, 2004), capacitando-os a enfrentar situações inesperadas ou extremas e servindo de inspiração para novos imaginários. Na próxima seção, apresentaremos a ferramenta que conecta essas questões. Essa ferramenta também possibilita a prática da Alfabetização em Futuros, alinhada aos princípios ESG e à inovação responsável, facilitando a criação de Hubs e Ecossistemas Criativos e suas interações com as cidades e com os diversos atores, agentes e organizações que habitam, vivem e transformam as comunidades nesses contextos.



Toolkit como ferramenta de projeção coletiva de Hubs e Ecossistemas Criativos

O Toolkit para Projetar Hubs e Ecossistemas Criativos é uma ferramenta colaborativa desenvolvida em parceria com a arquiteta Sara Borelli. Ele foi criado para facilitar workshops de cocriação, reunindo empreendedores, funcionários públicos, organizações educacionais e representantes comunitários que trabalham na criação ou reformulação de ambientes criativos. Concebido como um jogo de cartas, o toolkit oferece uma estrutura metodológica e lúdica. Ela se baseia em quatro macro princípios norteadores: antecipação, reflexividade, inclusão e responsividade. Esses princípios atuam como fundamentos éticos e operacionais para a concepção de futuros possíveis e desejáveis. Os participantes são guiados a encontrar e organizar as cartas em



Projeto gráfico:
<https://luzzdesign.com.br/portfolio/projeto-tool-kit/>

um tabuleiro, que visualiza as conexões entre conceitos e ações, distribuídas em quatro eixos de reflexão/ação representados pelas cartas-mestras.

Estas cartas-mestras, que orientam os participantes, são:

• **Antecipação:** Mapeia macrotendências e sinais fracos (indícios de rupturas emergentes nos imaginários) para antecipar impactos, considerando vocações e saberes locais em cenários futuros.

• **Reflexividade:** Consiste na análise crítica contínua das práticas, guiada por códigos de conduta ética socioambiental.

• **Inclusão:** Promove o engajamento de vozes diversas, com foco em grupos historicamente marginalizados, em processos cocriativos.

- **Responsividade:** Refere-se à capacidade de adaptação contínua, especialmente a circunstâncias imprevistas.

Com base nessas diretrizes, o guia ou facilitador orienta os participantes na exploração das demais cartas, conforme a etapa do projeto:

- **Pré-projeto:** Momento de planejamento anterior à concepção de hubs e ecossistemas criativos.
- **Durante a projeto:** Avaliação das condições para a efetivação do projeto.
- **Pós-projeto:** Reflexão sobre a continuidade ou a eventual ressignificação do projeto.

Em cada uma dessas etapas, os participantes encontrarão os eixos (Antecipação, Reflexividade, Inclusão e Responsividade) desdobrados em

três cartas, que oferecem reflexões e ações sugeridas.

- **O que e para quê**
- **Procedimentos**
- **Ferramentas**

As cartas são categorizadas em três tipos principais:

- **“O que e para quê”:** Detalham princípios e conceitos que se desdobram em cada fase do jogo.
- **“Procedimentos”:** Oferecem orientações práticas sobre como os “jogadores” podem aplicar os princípios e conceitos em cada fase do “jogo”.
- **“Ferramentas”:** Apresentam recursos para coleta, análise e interpretação de dados. Essas ferramentas podem ser baixadas para uso em dinâmicas de cocriação, com link e QR code disponíveis no guia.

Algumas dessas ferramentas são projetadas para auxiliar na planificação e modelagem de ideias, no próprio projeto e na avaliação de impactos potenciais (tanto positivos quanto negativos). Outras ferramentas são úteis para identificar agentes e entidades, facilitando a construção de redes de colaboração, baseadas em modelos de inovação como as Hélices Quádrupla e Quíntupla, entre outros. É importante notar que as cartas são visualmente distintas por meio de ícones e cores no verso (eixos), tonalidades (momentos) e títulos laterais (reflexões e ações). O objetivo do jogo não é a competição, mas sim a colaboração. A ideia é que os participantes se ajudem mutuamente a identificar as cartas, tanto pela frente quanto pelo verso, e as posicionem no tabuleiro à medida que as relações entre as cartas e as reflexões/ações sugeridas forem sendo identificadas.

Como ferramenta, o Toolkit também foi desenvolvido como uma tecnologia social (THOMAS & SANTOS, 2016; DAGNINO, 2014; 2010), visando democratizar o acesso a métodos de antecipação. O objetivo é torná-los aplicáveis e replicáveis mesmo para comunidades sem familiaridade prévia com o tema. Essa proposta metodológica surge da compreensão de que a transformação de realidades — e a preparação para futuros incertos — só é possível por meio de práticas acessíveis, sensíveis às especificidades dos territórios e às múltiplas vozes que os compõem.

Pela suas naturezas diversas, plurais e multidimensionais, Hubs e Ecossistemas Criativos, concebidos a partir da proposta de antecipação imbricada no Tool Kit, podem se tornar espaços que materializam a proximidade defendida por Manzini (2024), (re) conectando

cidadãos, poder público e natureza em soluções que visam, em última instância, a regeneração. Nesse contexto, o Toolkit também transcende a função de um mero guia: é um convite para superar lógicas urbanas, econômicas e culturais fragmentadas, contribuindo para a concepção de cidades como sistemas interdependentes que formam um grande ecossistema (McGREGOR, 2022).



Referências

- BRITISH COUNCIL. (2021). Soft power and cultural relations in a time of crisis. British Council. <https://www.britishcouncil.org/research-insight/soft-power-cultural-relations-crisis>
- CARAYANNIS, E. G., & CAMPBELL, D. F. J. (2012). The Quintuple Helix innovation model: Global warming as a challenge and driver for innovation. *Journal of Innovation and Entrepreneurship*, 1(1), 1–12.
- DAGNINO, R. (2010). *Tecnologias sociais: um novo paradigma para a inovação social*. São Paulo: Editora Interação.
- DAGNINO, R. (2014). Inovação social, tecnologia e transformação de territórios. *Revista Brasileira de Inovação*, 3(2), 97–112.
- DURAND, G. (1997). *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.
- FISHER, E., & RIP, A. (2013). What does responsible innovation mean? In R. von Schomberg & R. Owen (Orgs.), *Responsible Innovation* (pp. 13–28). Chichester: Wiley.
- MACDONALD, A. (2019). The sources of soft power: How perceptions determine the success of nations. British Council. <https://www.britishcouncil.org/research-insight/sources-soft-power-report>
- MANZINI, E. (2024). *Proximidade Habitável: ideias para a cidade que cuida*. São Paulo: Edições Abre.
- MAFFESOLI, M. (1988). *O conhecimento comum*. São Paulo: Brasiliense.
- MAFFESOLI, M. (2012). *O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense.
- MCGREGOR, D. (2022). *Biourbanismo: cidades como ecossistemas integrados à natureza*. Porto Alegre: Sulina.
- MORIN, E. (2006). *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina.
- SEVIN, E. (2025). Unpacking soft power for cities: A theoretical approach. *Place Branding and Public Diplomacy*, 21(1), 106–115. <https://doi.org/10.1057/s41254-024-00342-9>
- UNESCO. (2019). *Futures Literacy: Anticipation in the 21st Century* (SHS/2019/PI/H/10). Paris: UNESCO. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000372349>
- VANDERHEIJDEN, K. (2004). *Scenarios: The Art of Strategic Conversation*. Chichester: John Wiley & Sons.
- VISONÁ, P., CUNHA, M., & KIELING, C. (2022). *On Designing Innovations: Relationships Between Creativity, Ecosystems and Cities*. *Didi Disegno Industriale Industrial Design*, 78.
- VISONÁ, P., CUNHA, M., & KIELING, C. (2024). *Subjetivação e cidades: relações entre moda, redes colaborativas e cenários de futuros*. *OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA*, 22(6), e5176. <https://doi.org/10.55905/oelv22n6-090>



Feira Vilarejo

por Marina Giongo – Idealizadora da CÓS - Costura Consciente

Desde 2022, a Feira Vilarejo transforma o pátio do Vila Flores em um espaço de encontros, afeto e economia criativa. Nesta edição, ela foi promovida pelo Programa Catavento, que fortalece ainda mais nosso propósito: a circularidade, a criatividade e o fazer coletivo.

A Feira aconteceu no dia 5 de julho, das 11h às 18h e contou com a participação de 22 expositores. Ao

longo do dia foram realizadas oficinas que proporcionaram ao público conhecer mais a fundo os produtos e as técnicas utilizadas na feitura dos objetos de alguns participantes! Também tivemos a participação da DJ JuQvdO animando a feira.

A Feira Vilarejo é mais que uma feira. É uma celebração de quem acredita em outro jeito de viver, produzir e se relacionar.



Visitas Mediadas

por Maiara Dallagnol –
Jornalista e mediadora
de uma das visitas

Ao longo de sua realização, o Programa Catavento abriu as portas do complexo arquitetônico histórico que abriga o Vila Flores para promover seis visitas mediadas gratuitas, possibilitando que o público adentrasse as edificações de valor cultural e também vivenciasse esse território criativo vivo.

Sempre me encanta observar os olhares atentos que cada visitante destina ao que percebe no caminho. É um brilho especial, que começa com a surpresa de passar pela entrada e se deparar com a imensidão colorida do pátio; e que se despede ainda cintilando com carinho por ter compreendido o



funcionamento único desse importante centro cultural de Porto Alegre. A cada passo, a curiosidade se transforma em descoberta, através dos detalhes históricos sobre os usos e as memórias dos prédios quase centenários. E ao atravessar a porta de cada apartamento, a admiração se amplia por meio da conexão com tantas técnicas artísticas e saberes diversos e inspiradores. Entre ateliês, escritórios, cozinhas, estúdios e acervos, são nutridos os conceitos e compartilhadas as práticas da Economia Criativa, Colaborativa e Circular - que compõem o ecossistema do Vila Flores e constituem o Programa Catavento.

Todas as visitas foram oferecidas gratuitamente e contemplaram diferentes públicos: estudantes de ensino médio e de ensino técnico de escola pública, participantes de formação em economia criativa e também pessoas interessadas em geral. Além disso, duas visitas puderam receber pessoas com deficiência auditiva, contando com tradução simultânea para Libras, realizada pela OVNI Acessibilidade Universal, iniciativa que também já teve sua sede no local.

Cada encontro foi uma oportunidade instigante de habitar, ainda que por instantes, a comunidade criativa que é o Vila Flores!







Outras Perspectivas

Convidamos parceiras e parceiros do Vila Flores para contribuírem com as reflexões propostas ao longo do catálogo a partir de novas perspectivas de ação envolvendo a Economia Criativa, Colaborativa e Circular.



Economias da Reconexão: Criativa, Colaborativa e Circular.

por Simone Nogueira –
Consultora de sustentabilidade e regeneração

Precisamos ter humildade para reconhecer que somos uma espécie recém-chegada a este planeta, que seguimos em processo evolutivo. Como afirmam Giles Hutchins e Laura Storm no livro *Liderança Regenerativa*, compreender a raiz dos nossos problemas exige voltar no tempo e perceber a nossa jornada de separação e desconexão. Um processo que, por muito tempo, valorizou uma visão reducionista, separatista, linear e individual. Essa trajetória nos afastou da natureza, do equilíbrio entre o feminino e o masculino, entre o interno e o externo, entre os hemisférios esquerdo e direito do cérebro.

Mas esse modelo já não faz mais sentido. Talvez, sozinhos, não saibamos por

onde começar — e tudo bem. Quem sabe, na diversidade dos saberes, na observação atenta da natureza, na criatividade que nos é tão humana, possamos dar os primeiros passos em uma jornada de reconexão e integração. Um caminho em direção a formas de viver mais saudáveis, equilibradas e justas.

Movimentos como o Programa Catavento são um convite para termos essas conversas sobre novos modelos econômicos — que, na verdade, nem são tão novos assim. Trazer à tona a conexão entre as economias Criativa, Colaborativa e Circular é fortalecer uma rede de pessoas que acreditam em impactos socioambientais positivos e que desejam colocar sua criatividade a serviço de objetivos comuns.



Precisamos, Podemos e Vamos resolver a crise climática

por Julia Caon Froeder

– Coordenadora no The Climate Reality Project Brasil

Resolver a crise climática é uma escolha que será feita pelas pessoas que já estão vivas, de forma consciente, nos próximos 25 anos.

Receio de mais um ciclone chegando. Preocupação com as pessoas mais pobres que terão suas casas levadas pela enchente. Preparação para ter bateria caso falte energia. Perplexidade por ver pela cidade muitas árvores no chão. Incomodação pelos mosquitos que seguem vivendo mesmo com o frio. Estas são algumas das sensações que sinto hoje em dia. Ser adulta nestes tempos significa conviver com um desafio posto para todos meus colegas humanos deste mundo: a crise climática.

Em 2017, trabalhando com

sustentabilidade e com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, um deles me chamou atenção: Ação Contra a Mudança Global do Clima, o ODS 13. Fui atrás de conhecimento para entender melhor a crise, suas causas, consequências e possíveis soluções, e nunca mais me desvinculei deste assunto. Como diz Al Gore, meu professor e criador da ONG que participo, nós Precisamos, Podemos e Vamos resolver a crise climática.

Precisamos resolver esta crise pois há anos os cientistas afirmam com unanimidade que os Gases de Efeito Estufa provenientes de atividades humanas estão aumentando a média da temperatura do nosso planeta. Neste papo vale ressaltar que a mudança da temperatura é um fator natural,

porém a velocidade como estamos vendo o aumento nos últimos séculos, não. A espécie humana é reconhecida como principal causadora, a ponto da ciência estudar um novo nome para este período geológico: o Antropoceno. Segundo o IPCC, já aumentamos a média da temperatura em 1,5°. O desafio é que, para continuarmos vivendo do jeito que vivemos hoje, preservando a linda biodiversidade do nosso planeta, é preciso limitar este aumento em 1,5°. Opa, já chegamos no limite então?

Se fomos nós, seres humanos que desencadeamos essa crise, podemos resolvê-la! Para a nossa alegria, já temos toda a tecnologia, ferramentas e conhecimento necessário para isso. Conhecemos alternativas para acabar com desmatamento, para praticar uma agricultura de baixo carbono, sabemos como regenerar ecossistemas, como gerar energia sem utilizar combustíveis

fósseis (petróleo, carvão e gás), como criar sistemas de transporte público eficientes e eletrificados, como implementar a economia circular, como adotar um estilo de vida menos consumista que irá demandar menos recursos do planeta, entre tantas outras soluções. Temos acesso à informação de qualidade e à educação climática, o que nos dá o conhecimento necessário para realizar pequenas ações em nossas casas e ao mesmo tempo cobrar os grandes poluidores a se descarbonizar com rapidez.

Com tudo isso, nós vamos resolver a crise climática? Vamos conseguir parar o aquecimento em 1,5° e viver em um planeta que não mudará muito, ou estamos indo em direção a um planeta completamente diferente, em que muitas espécies não conseguirão se adaptar e os impactos sociais e econômicos serão dramáticos?

Veremos pessoas, principalmente as mais vulnerabilizadas, perdendo todas suas memórias, suas casas, morrendo em eventos climáticos extremos que são cada vez mais frequentes, exacerbando o racismo climático?

Muitos compromissos esperançosos já foram feitos por governos, empresas e por nós mesmos, porém a janela de oportunidade para resolução desta crise é curta. Chegou a hora de implementar tudo que já foi estudado, medido, consultado. Qual o desafio? Reduzir pela metade as emissões nos próximos 5 anos e chegar a zero nos próximos 25, ou seja, esta é uma tarefa para nós, seres humanos que já estamos vivos. Em nome das crianças que estão nascendo, das belezas que a natureza nos oferece, das bonitas histórias que estão por vir, sejamos todos ativistas pela solução da crise climática.



La Perspectiva Ecosistémica por Conexiones Creativas

Plataforma internacional com ênfase no fortalecimento
de ecossistemas culturais e criativos

¿Qué son los ecosistemas creativos y culturales?

En un momento histórico marcado por crisis sistémicas —ecológicas, sociales y políticas—, resulta imperativo repensar los marcos conceptuales con los que analizamos y promovemos la cultura. La noción de ecosistema creativo y cultural emerge como una herramienta analítica y, fundamentalmente, como una postura ética frente a los modelos hegemónicos que han dominado el pensamiento sobre la creatividad durante décadas. El concepto, que procede originalmente de disciplinas científicas como la biología o la ecología, fue acuñado en la década de 1930 por botánicos como Roy Clapham

y Arthur Tansley para describir unidades donde organismos interactúan con su ambiente físico. Al ser extrapolado al campo de la creación, nos invita a adoptar una perspectiva sociológica renovada que busca comprender las múltiples y complejas relaciones entre agentes y, a su vez, encontrar mecanismos para fortalecer la sostenibilidad de sus procesos.

Un ecosistema creativo, por tanto, puede entenderse como un sistema compuesto por comunidades de organismos — individuos, colectivos, organizaciones e instituciones — que habitan, trabajan e interactúan en los ámbitos de la creación dentro de un territorio y tiempo determinados. Estos

agentes basan sus prácticas en la propiedad intelectual, la innovación y el conocimiento, aportando valor no solo a productos materiales, sino también a derivados inmateriales como servicios, experiencias o procesos de transformación social.

Resulta crucial diferenciar esta perspectiva de otros conceptos afines pero limitados. A diferencia del “clúster”, el ecosistema no se restringe a un conjunto de empresas de un único sector comercial ; por el contrario, abraza la diversidad, rechaza la endogamia y el aislamiento, y reconoce que no todos sus “organismos” se agremian comercialmente para compartir recursos. Del mismo modo, se distancia de la noción reduccionista de “industria cultural”, a menudo asociada a grandes corporaciones del entretenimiento. Como subraya el teórico Santiago

Eraso, la preocupación debe centrarse en la supervivencia del ecosistema en su totalidad, que produce, además de mercancías, una vasta red de experiencias, conocimientos, recursos simbólicos y un campo sensible para la imaginación y la experimentación.

Si bien el concepto de ecosistema creativo se fundamenta en la noción de “campo” propuesta por Pierre Bourdieu para clarificar las relaciones de poder y posicionamiento en los espacios sociales, la perspectiva ecosistémica va un paso más allá. Introduce una “actitud ética” que busca activamente mecanismos para favorecer la sostenibilidad y el crecimiento colectivo, superando el análisis meramente estructural de las luchas por el capital simbólico.

Estos ecosistemas no son estáticos; son dinámicos y pueden configurarse de

múltiples maneras: pueden crecer de forma orgánica y espontánea, como sucedió en barrios como San Felipe en Bogotá; ser el resultado de una planificación institucional organizada, como en el caso de La Cité de la Création en Nantes ; o erigirse como escenarios de resistencia frente a fuerzas dominantes, como la Comuna 13 en Medellín.

Su salud y dinamismo dependen de una serie de factores interconectados:

- **Las comunidades y sus relaciones:** la calidad de las interacciones — sean de compañerismo, crítica, competencia o colaboración — es vital. Los ecosistemas se enriquecen con relaciones transversales, intergeneracionales e interdisciplinarias, combatiendo la insularidad y el ensimismamiento.
- **La diversidad de agentes:** una mayor variedad de roles (artistas, curadores,

gestores, técnicos, etc.) y la fluidez de las conexiones horizontales (entre pares) y verticales (entre diferentes niveles de la cadena de valor) potencian la permanencia y el desarrollo del conjunto.

- **Las políticas públicas:** el rol del Estado es determinante. Los gobiernos tienen la responsabilidad de crear entornos favorables para la cultura, no solo como motor de desarrollo económico, sino en su sentido social más profundo, como herramienta para comprender la pluralidad, imaginar la paz y construir pensamiento propio.

- **El mercado:** aunque es un claro dinamizador que estimula la circulación y producción, su rol como árbitro de la escala de valores debe ser constantemente vigilado y cuestionado para defender la independencia y la libertad de los procesos creativos.

- **Las nuevas tecnologías:** vehículos de transformaciones veloces que modelan las relaciones profesionales y los procesos de creación, producción y consumo, planteando desafíos y oportunidades constantes.

- **La concentración y el territorio:** como lo planteó Richard Florida, las regiones que concentran Tolerancia, Talento y Tecnología se convierten en nodos de innovación global. Comprender estas dinámicas de aglomeración es clave para el desarrollo territorial.

¿Por qué vale la pena introducir la perspectiva ecosistémica?

La adopción de la perspectiva ecosistémica trasciende la mera elección terminológica; representa un giro epistemológico necesario para afrontar las complejidades del

siglo XXI. En un mundo post-pandémico, enfrentado a la crisis climática y a una profunda polarización social, los modelos que glorifican el individualismo, la competencia descarnada y el crecimiento ilimitado se han revelado insuficientes y peligrosos. La importancia de esta perspectiva radica en su capacidad para ofrecer un marco alternativo, fundamentado en la interdependencia, la colaboración y la inteligencia colectiva.

Esta idea encuentra un eco profundo en la propuesta de Brian Eno sobre el “**Scenius**” (el genio de una escena) como contrapunto al “**Genius**” (el genio individual). La cultura occidental ha construido un panteón de “genios” singulares — Mozart, Picasso, etc.—, presentándolos como figuras aisladas de las que emana la creatividad. Eno deconstruye esta narrativa como una “ilusión simplificadora”. En su lugar,

acuña “scenius” para describir el don creativo que emerge de una comunidad entera. Las grandes ideas, aunque articuladas por individuos, son generadas y nutridas por una “enorme red de ideas” que conforman una escena. El artista, como Picasso, es un “ladrón brillante” que se nutre del tejido cultural que lo rodea.

El concepto de “scenius” a su vez es una expresión más de la perspectiva ecosistémica. Democratiza la creatividad, recordándonos que todos poseemos una capacidad innata para ella y que nuestra fortaleza reside en la cooperación (Yuval Noah Harari ha demostrado en su libro “Sapiens”, que la capacidad de cooperación flexible y a gran escala es lo que distingue al *Homo sapiens* de otras especies). Reduce la distancia entre el “artista” y la “persona ordinaria”, validando la inteligencia colectiva como el

verdadero motor de la innovación. Esta visión es fundamentalmente política y transformadora, pues desafía las estructuras jerárquicas del mundo del arte y la cultura, a menudo obsesionadas con la autoría y el estrellato individual.

La perspectiva ecosistémica, enriquecida por la noción de “scenius”, nos permite valorar la cultura no solo por sus productos, sino por su función social. El arte, definido por Eno como la “continuación del juego en la adultez”, funciona como un “simulador seguro” para la sociedad. Nos permite experimentar “sentimientos de ficción”, explorar futuros posibles y facilitar cambios de mentalidad sobre temas complejos como los roles de género o la crisis ecológica. En el corazón de este proceso se encuentra la “rendición” (surrender), una elección activa de no controlar, de confiar en el flujo colectivo y la vulnerabilidad compartida para que

emerjan ideas que trascienden la mente individual.

Introducir el pensamiento ecosistémico, por tanto, es crucial porque:

1. Promueve la colaboración y la solidaridad como estrategias de supervivencia y evolución en tiempos de crisis, desafiando el individualismo histórico hegemónico.
2. Reconoce que, como en la naturaleza, la diversidad de agentes y prácticas es indispensable para la resiliencia y la adaptación al cambio.
3. Va más allá de la viabilidad económica para incluir la cohesión social, el bienestar de los creadores y el desarrollo territorial sostenible, ofreciendo un marco para la sostenibilidad integral.
4. Permite visibilizar y cuestionar las relaciones de poder y la hiperconcentración del mercado, abogando por un sistema más equitativo y democrático, lo que la hace una herramienta política.

Hacia la dinamización de los ecosistemas creativos: una praxis situada

La comprensión teórica de los ecosistemas creativos y culturales resulta estéril si no se traduce en acciones concretas. Superar la reflexión para dar paso a la intervención exige una praxis sistémica que, si bien huye de fórmulas universales, se puede articular en torno a cinco ejes interdependientes.

El punto de partida es la **observación rigurosa**. No se puede fortalecer lo que no se conoce; por tanto, es imperativo desarrollar herramientas de monitoreo —mapeos, análisis de brechas y mediciones de impacto como las cuentas satélite— que permitan tomar decisiones basadas en evidencia y visualizar el *scenius* de un territorio. Sobre este conocimiento se debe **construir una narrativa compartida**,

un relato cohesivo que ponga en valor los talentos creativos y articule a todos los stakeholders a través de mesas de concertación y de la visibilización de la cadena de valor completa, reconociendo también las aportaciones de cada uno de los diferentes mediadores.

Un ecosistema, sin embargo, sólo pervive si logra **involucrar activamente a sus comunidades**. Esto requiere estimular la participación y el consumo cultural mediante una oferta diversa y accesible, apoyada en estrategias de promoción y plataformas unificadas que faciliten la conexión entre creadores y audiencias.

Simultáneamente, es crucial **consolidar los proyectos y talentos** que constituyen el núcleo del sistema. La sostenibilidad de los agentes es la sostenibilidad del todo; esto implica ofrecer formación a la medida, facilitar el acceso a recursos y, fundamentalmente, incubar “tribus” y

escenas colaborativas (*scenius* particulares y existentes) en lugar de enfocarse únicamente en el modelo de startup individual.

Finalmente, es vital **generar riqueza simbólica y económica** mediante mercados diversos. La clave reside en la “fertilización cruzada”: promover activamente la co-creación y las alianzas entre el sector creativo y otros ámbitos de la economía para catalizar la innovación y abrir nuevas fuentes de financiación.

Fortalecer un ecosistema es un acto de equilibrio. Exige abandonar la lógica del “ego-sistema”, centrado en el interés individual, para abrazar una ética del cuidado donde el bienestar del conjunto es la prioridad. **Colaborar y Compartir para Crecer**. Quizás así podamos construir comunidades y territorios más resilientes, capaces de dar forma a los futuros que necesitamos.



Tecendo visões por Pluriversas

O Instituto Pluriversas é uma organização sem fins lucrativos que tem como missão promover o florescimento integral do Ser humano em harmonia com a Natureza para que uma vida digna e justa seja possível para a diversidade de seres do planeta. A convite do Programa Catavento para integrar esta publicação, compartilhamos nossos eixos de atuação e sugerimos bibliografia relacionada a eles e aos temas do programa.

1. Promoção de bem-estar integral

Neste eixo, priorizamos o bem-estar em todas as suas dimensões – física, mental, social e espiritual -, especialmente, de mulheres e pessoas idosas. Nossa intenção é fomentar projetos e organizações que atuam com alimentação saudável, atividades artísticas e culturais, geração de renda e outras ações que promovam saúde em diversas perspectivas.

Um exemplo que ilustra essa dimensão é a empreendedora social Regina Tchelly, fundadora do projeto Favela Orgânica, com sede no Morro da Babilônia, no Rio de Janeiro. Regina criou o projeto Receitas ao Ar Livre, com artistas e vizinhos moradores do Morro da Babilônia, pintados nos muros da comunidade. Sugerimos a leitura do livro **Receitas do Favela Orgânica: aproveitamento integral de alimentos** (Editora Senac Rio, 2022), no qual a autora apresenta como a cozinha pode ser um espaço de transformação social por meio do combate ao desperdício dos alimentos e da fome. Um livro amoroso, escrito em uma linguagem acessível que busca disseminar

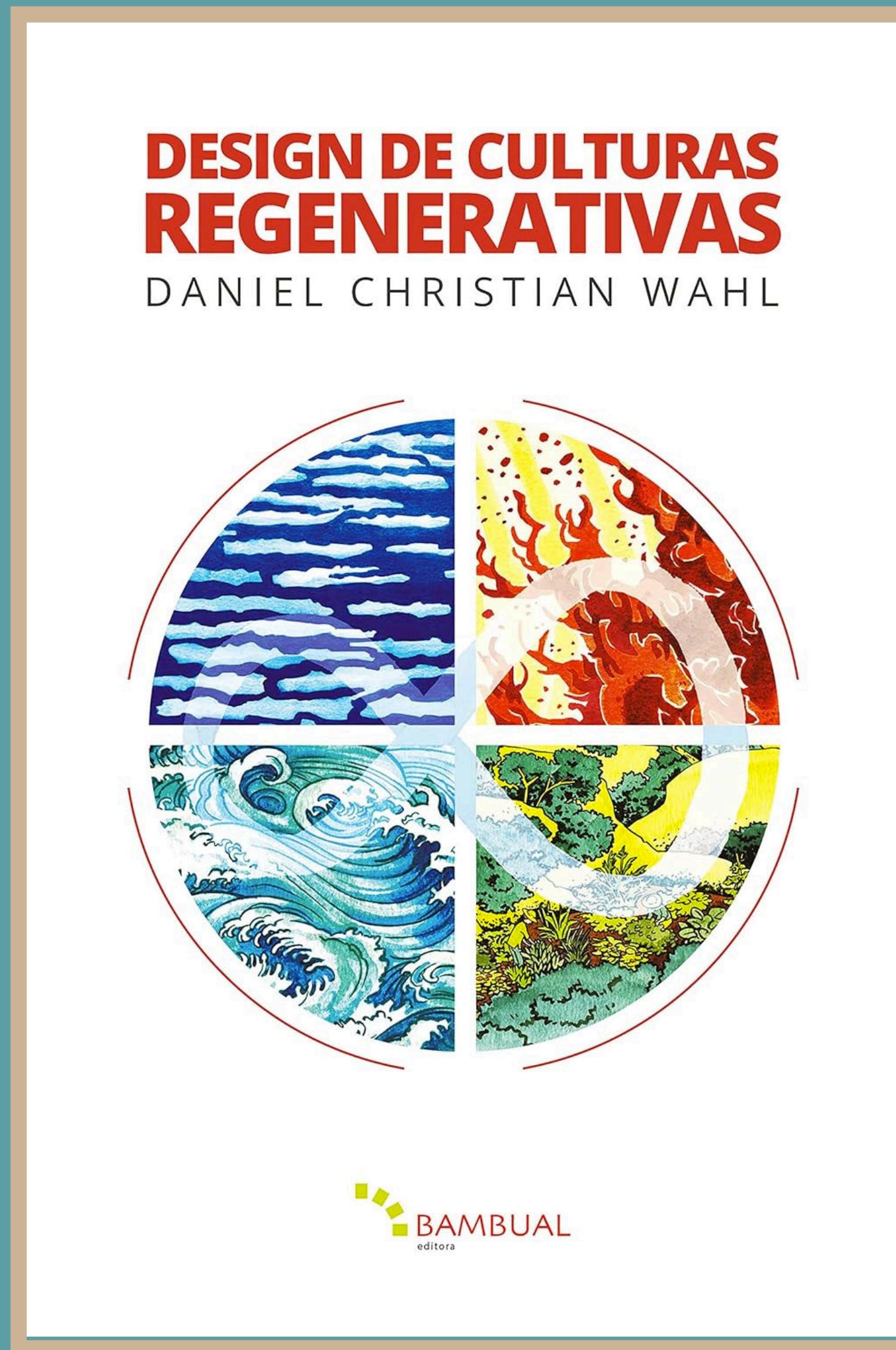


uma alimentação saudável e plena de afeto. É um caso de economia criativa, circular e colaborativa, que inspira pela criatividade e combate ao desperdício respeitando tudo o que a Terra nos dá. Sua intenção é não apenas transformar desperdício em alimentos saborosos e coloridos, mas também transformar a sociedade em uma sociedade mais justa e menos desigual. O projeto emprega mulheres e oferece oficinas para crianças, capacitação profissional para adultos e serviços de catering.

2. Apoio à iniciativas de regeneração

Neste segundo eixo, focamos em apoiar iniciativas que tenham como objetivo promover a regeneração, preservação e valorização das diversidades cultural e biológica em todos os biomas brasileiros. E procuramos contribuir para a criação, gestão e escalabilidade de negócios de impacto socioambiental positivo.

Como podemos transformar nossas formas de viver, produzir e nos relacionar com o planeta em práticas mais regenerativas e colaborativas? Em **Design de Culturas Regenerativas** (Editora Bambual, 2020), Daniel Christian Wahl nos convida a repensar

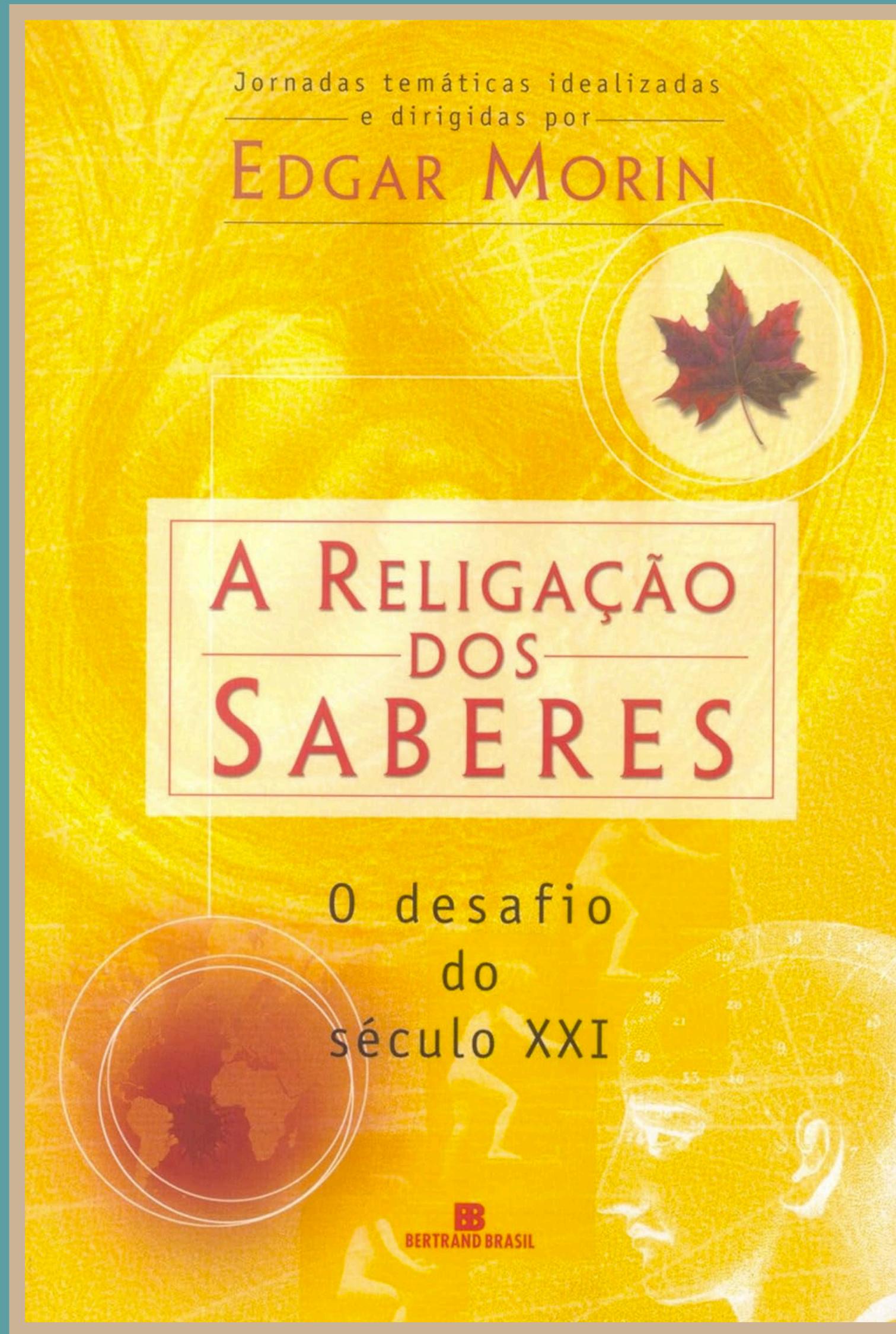


profundamente os sistemas que sustentam a vida em sociedade. A obra propõe abordagens integradas e interdependentes, alinhadas à ideia de que não basta “sustentar” o que temos: é preciso regenerar. A leitura inspira uma visão sistêmica que dialoga diretamente com os pilares do Programa Catavento ao propor caminhos para redesenhar nossas culturas com base na empatia, diversidade e interconexão. Também com uma linguagem acessível e ao mesmo tempo provocadora, o livro é essencial para quem busca atuar em projetos que visam à transformação social e ambiental por meio do design, da educação, do empreendedorismo criativo e das práticas coletivas.

3. Estímulo ao Intercâmbio de Saberes

Enesteterceiroeúltimoeixo, estimulamos o intercâmbio de conhecimentos entre a academia e os saberes populares e tradicionais, tanto nacionais quanto internacionais. Assim como procuramos difundir, através de diversos meios de comunicação, ideias e projetos que estejam relacionados aos valores do Instituto.

Em *Religação dos Saberes – O Desafio do Século XXI* (Editora Bertrand Brasil, 2001), Edgar Morin propõe uma reflexão urgente sobre a fragmentação do conhecimento e a necessidade de reintegrá-lo para compreender e transformar o mundo de forma mais completa. A obra defende uma visão transdisciplinar, capaz de unir ciência, arte, filosofia e saberes tradicionais na construção de soluções complexas para os desafios contemporâneos. Essa



perspectiva dialoga profundamente com os três temas principais do Programa Catavento ao reconhecer que a inovação socioambiental depende da articulação entre diferentes formas de saber. Morin nos convida a superar barreiras entre disciplinas e a cultivar uma inteligência conectiva, essencial para empreendedores, educadores, artistas e agentes culturais comprometidos com a regeneração de territórios e comunidades. Uma leitura potente para quem acredita que transformar o mundo passa também por transformar a forma como pensamos.

Nós do Instituto Pluriversas, realizamos palestras, oficinas e cursos para disseminar iniciativas alinhadas a esses eixos e a partir dessas inspirações criar novos projetos que semeiem criatividade, circularidade e colaboração.

FICHA TÉCNICA

Organização:

Marcia Braga e Antônia Wallig

Revisão: Maiara Dallagnol**Projeto Gráfico e Diagramação:**

Betina Nilsson de Freire

Fotografias:

Caroline Jacobi, Ricardo Ara, Juliano Ambrosini, João Wallig, Maiara Dallagnol, Luciane Bucksdricker

Textos por:

Aline Bueno, Alnilam Orga, Antônia Wallig, Carô Ribeiro, César Kieling, Cleiton Chiarel, Conexiones Creativas, Instituto Pluriversas, Jorge Piqué, João Felipe Wallig, Julia Caon Froeder, Juliana Sueli Sehn, Karine Freire, Luana Fuentefria, Marina Giongo, Paula Visoná, Simone Nogueira

Agradecimentos especiais:

Aline Bueno

Lawrin Ritter



Realização:



Financiamento:



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Esta obra foi realizada com recursos da Lei Complementar no 195/2022, Lei Paulo Gustavo.